

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO**

MARISTELA QUARTIERO DE FAVERI

**PERCEPÇÕES DOS REFLEXOS SOCIOECONÔMICOS
GERADOS ÀS MULHERES TOMADORAS DE CRÉDITO EM
UMA OSCIP DE MICROCRÉDITO**

**CRICIÚMA
2018**

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO**

MARISTELA QUARTIERO DE FAVERI

**PERCEPÇÕES DOS REFLEXOS SOCIOECONÔMICOS
GERADOS ÀS MULHERES TOMADORAS DE CRÉDITO EM
UMA OSCIP DE MICROCRÉDITO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação de Mestrado em Desenvolvimento Socioeconômico da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC para obtenção do grau de Mestra em Desenvolvimento Socioeconômico.

Orientadora: Profa Dra. Melissa Watanabe

Coorientador: Prof. Dr. Sílvio Parodi Oliveira Camilo

**CRICIÚMA
2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

F273pFaveri, Maristela Quartiero De.

Percepções dos reflexos socioeconômicos gerados às
mulheres tomadoras de crédito em uma OSCIP de microcrédito
/ Maristela Quartiero De Faveri. - 2018.

104p. : il.; 21 cm.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul
Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento
Socioeconômico, Criciúma, 2018.

Orientação: Melissa Watanabe.

Coorientação: Sílvio Parodi Oliveira Camilo.

1. Microcrédito. 2. Mulheres de negócios. 3. Planejamento
regional. 4. Desenvolvimento socioeconômico.I. Título.

CDD 23. ed. 332.3

Bibliotecária Eliziane de Lucca Alosilla – CRB 14/1101
Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESC

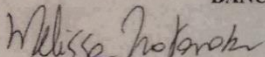
MARISTELA QUARTIERO DE FAVERI

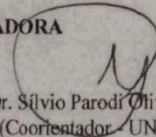
PERCEPÇÕES DOS REFLEXOS SOCIOECONÔMICOS
GERADOS ÀS MULHERES TOMADORAS DE CRÉDITO EM
UMA OSCIP DE MICROCRÉDITO

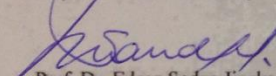
Esta dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do Grau de Mestre em Desenvolvimento Socioeconômico no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

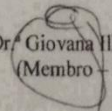
Criciúma, 14 de Março de 2018.

BANCA EXAMINADORA

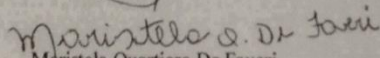

Prof.ª Dr.ª Melissa Watanabe
(Orientadora - UNESC)

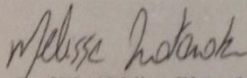

Prof. Dr. Sílvio Parodi Oliveira Camilo
(Coorientador - UNESC)


Prof. Dr. Edson Sadao Iizuka
(Membro - FEI)


Prof.ª Dr.ª Giovana Ilka Jacinto Salvaro
(Membro - UNESC)

Prof. Dr. Miguelangelo Gianezini
(Membro - UNESC)


Maristela Quartiero De Faveri
Mestranda


Prof.ª Dr.ª Melissa Watanabe
Coordenadora do PPGDS - UNESC

Dedico este trabalho à mulher mais importante da minha vida, minha mãe, Neide. Por sua batalha desde muito cedo para que as filhas tivessem oportunidade de estudar.

AGRADECIMENTOS

A Deus e à Santa Catarina de Alexandria.

À minha família. Meus pais Neide e Antônio que apesar de não terem tido a oportunidade de concluírem seus estudos, sempre me incentivaram e nunca mediram esforços para que eu realizasse este e outros sonhos. À minha “irmã” Mônica, que sempre foi uma segunda mãe para mim e que juntamente com o meu cunhado Elison, torcem muito pelas minhas conquistas. Aos meus sobrinhos Elis e Miguel, que foram e são minha fonte de energia e paz. Ao Filippe, por todo companheirismo, apoio, colaboração e principalmente pelo incentivo nos últimos meses de conclusão deste trabalho

À minha orientadora Melissa Watanabe, pelo conhecimento transmitido, por ter sido uma orientadora e amiga e ter oportunizado a participação em aulas, palestras e eventos. E ainda, por não ter medido seus esforços para me auxiliar neste processo. Minha eterna gratidão e admiração.

Ao meu coorientador Sílvio Parodi, que terá sempre minha admiração na esfera profissional e pessoal. Aos membros da minha banca: Professores Giovana Salvaro e Edson Sadao pelas contribuições no trabalho e por todo o ensinamento transmitido. Aos demais professores do PPGDS, em especial ao professor Miguelangelo Gianezini, pela dedicação e todo ensinamento nas disciplinas em que cursei com ele. As estimadas secretárias que estiveram no PPGDS durante este período, Rose e Márcia. Sempre foram prestativas e muito cordiais.

Às minhas queridas amigas: Camila Zanette, irmã de coração e alma que está ao meu lado sempre. À Carla Busarello, pessoa generosa e de coração bom que sempre acreditou em mim e nunca me deixou esquecer que eu era capaz. À Karoline Brasil, pessoa iluminada que nunca mediu esforços para me ajudar. À Nicole Gomes, que esteve presente durante toda esta trajetória e as demais amigas “qualheiras” que amo tanto: Andreza Cruz, a quem agradeço por todos os momentos que passamos juntas. Camila Bueno, minha parceira na disciplina de gênero. Carol Biz, que sempre esteve disposta a auxiliar. As amáveis Simone Nunes e Vandreça Dorregão, foram inúmeras trocas que certamente levarei para a vida. Aos amigos do grupo de pesquisa e parceiros em disciplinas: Igor Olsson e Camila Bardini.

Aos demais membros do Grupo de Pesquisa em Educação, Inovação e Empreendedorismo Social (GIEES), em especial à Carina Nunes. Aos amigos que fiz em outros Programas de Pós-Graduação, especialmente à Carla Simon, que foi um dos grandes presentes que a vida

acadêmica me trouxe. Passamos por muitos momentos importantes juntas na Universidade. E também aos queridos amigos Andriw Loch e Thaise Sutil que sempre estiveram presentes e torcendo por mim.

À minha terapeuta Marisa Silveira, que cuidou da minha saúde mental durante o processo de pós-graduação.

Às entrevistadas pela disponibilidade, confiança e colaboração neste trabalho. À Credisol, e ao Eduardo Manenti por toda a atenção que tiveram comigo.

À CAPES fonte financiadora de bolsa de Mestrado.

À todos que contribuíram de alguma maneira por meio de orações, energia positiva ou torcida.

A pobreza não é criada pelas
pessoas pobres. É criada pelo
sistema que construímos, pelas
instituições que concebemos e
pelos conceitos que
formulamos”

(Muhammad Yunus)

RESUMO

O propósito do microcrédito produtivo e orientado é atender uma parcela da população que possui empreendimentos de pequeno porte, geralmente administrados por pessoas com baixo poder aquisitivo. A intenção dessas pessoas é utilizar o crédito para desenvolvimento do negócio e não para consumo próprio. O objetivo deste estudo foi analisar as percepções dos reflexos socioeconômicos gerados às mulheres tomadoras de crédito em uma OSCIP de microcrédito. Isso porque, as primeiras experiências com o microcrédito foram destinadas às mulheres. A instituição onde a pesquisa foi realizada está localizada na cidade de Criciúma - SC. O método utilizado para analisar este trabalho foi por meio de uma pesquisa qualitativa com análise de conteúdo. As entrevistas foram realizadas com uma amostra de nove mulheres tomadoras de microcrédito de três municípios. As variáveis que foram utilizadas para analisar este estudo se deram a partir da categoria de desenvolvimento local. Por fim, constatou-se que o microcrédito serve de incentivo para muitas mulheres se unirem e se empoderarem tornando-se uma alternativa para superação do trabalho informal e para a independência financeira. Mas, ao mesmo tempo, este trabalho acontece como uma extensão da própria casa e não existe a separação da esfera doméstica e da esfera do trabalho.

Palavras-chave: Microcrédito. Mulheres. Desenvolvimento Local.

ABSTRACT

The purpose of productive and targeted microcredit is to serve a portion of the population that has small enterprises, usually managed by people with low incomes. The intention of these people is to use credit for business development and not for their own consumption. The objective of this study was to analyze the perceptions of the socioeconomic reflexes generated to women borrowers in a microcredit OSCIP. This is because, the first experiences with microcredit were for women. The research locus is located in the city of Criciúma - SC. The method used to analyze this work was through a qualitative research with content analysis. The interviews were conducted with a sample of nine women borrowers from microcredit from three municipalities. The variables used to analyze this study were derived from the category of local development. Finally, it was found that microcredit focuses as an incentive for many women to seek strengthening through union and empowerment, becoming an alternative to overcome informal work and financial independence. But at the same time, this work happens as an extension of one's own house and there is no separation between the domestic sphere and the sphere of work.

Keywords: Microcredit. Women. Local Development.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Conceito de Microfinanças, Microcrédito, Microcrédito Produtivo e Microcrédito Orientado.....	35
Figura 2 - Mapa de Localização do Objeto de Estudo	55

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Perfil das entrevistadas.....	66
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Instituições Cadastradas na ABCRED	39
Quadro 2 - Finalidade do Crédito.....	70
Quadro 3 - Percepções das Tomadoras em relação ao Desenvolvimento Local.....	74

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABCRED	Associação Brasileira das Entidades Operadoras de Microcrédito e Microfinanças
AMCRED	Associação das Organizações de Microcrédito de Santa Catarina
BADESC	Agência de Fomento do Estado de Santa Catarina
GEM	Global Entrepreneurship Monitor
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ONG	Organização Não Governamental
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
OS	Organizações Sociais
SNF	Sistema Financeiro Nacional
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense
UNO	União Nordestina de Assistência a Pequenas Organizações.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	25
1.1 PROBLEMATIZAÇÃO.....	27
1.2 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA	28
1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA.....	30
1.3.1 Objetivo Geral	30
1.3.2 Objetivos Específicos	30
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	31
2.1 MICROFINANÇAS E MICROCRÉDITO	31
2.2 MICROCRÉDITO PRODUTIVO ORIENTADO	33
2.2.1 PNMPO - Programa Nacional de Microcrédito Produtivo Orientado	35
2.3 OSCIPS - ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL DE INTERESSE PÚBLICO.....	36
2.4 ABCRED E AMCRED	38
2.5 MULHERES E O DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO E DESENVOLVIMENTO LOCAL	42
2.6 MULHERES TOMADORAS DE MICROCRÉDITO	46
2.7 EMPODERAMENTO DE MULHERES	49
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	53
3.1 UNIVERSO DA PESQUISA E LOCALIZAÇÃO	54
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	57
4.1 HISTÓRICO INSTITUCIONAL SOB A ÓTICA DOS GESTORES.....	57
4.2 PERFIL DAS MULHERES	65
4.3 FINALIDADE DO CRÉDITO.....	66
4.4 PERCEPÇÕES DAS TOMADORAS EM RELAÇÃO AO DESENVOLVIMENTO LOCAL	73
4.5 PERCEPÇÕES DAS TOMADORAS DE MICROCRÉDITO SOB O ÂMBITO PESSOAL.....	77
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS	93
APÊNDICES	101
APÊNDICE A - ROTEIRO GESTORES	103
APÊNDICE B - ROTEIRO TOMADORAS DE CRÉDITO	104

1 INTRODUÇÃO

O microcrédito produtivo orientado é definido como um crédito focado aos micro e pequenos empreendimentos sejam eles formais ou informais. O seu propósito é atender uma parcela da população que possui empreendimentos de pequeno porte, geralmente administrados por pessoas com baixo poder aquisitivo, que tomam o crédito para utilização no negócio e não para consumo. Este tipo de modalidade de acesso ao crédito é visto como gerador de desenvolvimento, isto porque tem vistas à melhoria da oportunidade de consumo da unidade familiar mediante à geração de renda (BARONE; SADER, 2008). No que diz respeito ao desenvolvimento, Amartya Sen (2000) afirma que este ocorre por meio de um processo de expansão das liberdades reais desfrutadas pelos indivíduos.

O microcrédito surgiu a partir dos esforços de Muhhamad Yunus ao fornecer dinheiro em Bangladesh. Na época eram 42 pessoas na aldeia que tinham esse problema. Somado o valor de todas elas a dívida girava em torno de 27 dólares (conversão na taxa de câmbio da época), Yunus percebeu que o valor era muito pequeno e lhe parecia um absurdo que tão pouco dinheiro fosse causador de tanta pobreza. Então, ele com o próprio dinheiro pagou a dívida. Sua primeira ideia foi ser fiador dessas pessoas quando tomassem empréstimos ao banco, mesmo com as dificuldades enfrentadas e barreiras impostas pelo banco, ele tornou-se “banqueiro informal”. Para garantir que as pessoas pagassem ele criou algumas condições, elas deveriam pagar os empréstimos em pequenas quantias por semana e um funcionário do banco iria até a aldeia para que os tomadores não tivessem que se deslocar do local. Após isso, ele criou o próprio banco, que tinha como principal objetivo ser o banco dos pobres (YUNUS, 2010).

Vale ressaltar, que os primeiros esforços foram centrados nas mulheres porque os bancos convencionais negavam a elas o direito de tomarem empréstimos, mesmo que fizessem parte de uma camada da população um pouco mais abastada. Yunus conta que em um primeiro momento esta ideia foi uma forma de protesto aos bancos tradicionais, e que a finalidade era garantir que existisse igualdade no número de mulheres e homens que tomavam empréstimos. Porém, logo foi percebido, que as mulheres traziam muitos mais benefícios às famílias do que os homens (YUNUS, 2010). Isto porque em muitos casos o apoio dado pelas mulheres na melhoria das condições de vida não só de si, mas de toda a família, impacta positivamente para os que o cercam.

No que se refere ao Brasil, em 1973 foi criada a União Nordestina

de assistência a Pequenas organizações, conhecida como UNO, uma organização não governamental que baseava sua concessão de empréstimos por um “aval moral” e cujos objetivos eram captar recursos e fornecer microcrédito a trabalhadores de baixa renda. A esse fato atribui-se o pioneirismo no Brasil, ao ser um dos primeiros países a propiciar o microcrédito no campo informal urbano (BARONE et al. 2002). Atualmente tais bancos são nomeados como bancos de crédito popular, porém em tempos remotos (década de 1990) haviam vários destes bancos. Um dos exemplos é o Banco da Mulher, que indica tamanha a relevância deste público-alvo para tais instituições. Esta instituição possui a qualificação de OSCIP, surgiu em 1997, na cidade de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul. Seu objetivo é conceder crédito para melhorar o desenvolvimento financeiro e humano das pessoas de baixa renda (BANCO DA MULHER, 2018).

Segundo panorama do microcrédito divulgado pelo Banco Central do Brasil no ano de 2015, uma grande porcentagem de tomadores (40%) são pessoas físicas que ganham até um salário mínimo, e cerca de 80% são pessoas com renda de até três salários mínimos. Isso reforça a ideia de que o público que está sendo atendido pelo microcrédito é o público-alvo com o perfil que se deseja para esse tipo de programa. Este perfil juntamente com a proximidade de acompanhamento com que é fiscalizado o uso do microcrédito pelas instituições que oferecem este serviço, é um dos facilitadores para que esse valor seja propulsor de inclusão social e financeira destas pessoas. Comparado as outras operações financeiras, o microcrédito ocupa uma pequena parcela do sistema financeiro nacional (SNF). Mas por possibilitar esta inclusão financeira, é uma ferramenta bastante expressiva e que a supervisão se faz necessária para que esse tipo de instrumento seja melhorado, e com isso proporcione o aprimoramento de políticas públicas também (BRASIL, 2015).

A Instituição em que a pesquisa foi realizada é uma OSCIP de Microcrédito, localizada na cidade de Criciúma/SC, cujo nome é Credisol Crédito Solidário e o foco de estudo foram às mulheres tomadoras de crédito. A escolha da Credisol foi por uma proximidade com a universidade, a instituição tem parceria em projetos de extensão bem como participa de outras ações em conjunto com a UNESCO. E também por sua representatividade no estado de Santa Catarina.

A movimentação financeira no estado de Santa Catarina em 2016 aponta que a Credisol ocupou o 4º lugar em um ranking das instituições pertencentes à Associação das Organizações de Microcrédito de Santa Catarina (AMCRED). Os números mostraram que a carteira ativa da

instituição nesse período era de R\$ 21.536.118,31. Os clientes ativos somavam 4.065 pessoas. Foram realizadas 48.778 operações e a inadimplência ficou em 2,74%. Os três primeiros colocados do ranking são respectivamente: Banco da família, Blusol e Banco do Empreendedor. O Banco da família obteve a primeira colocação no ranking, já que possuía uma carteira ativa de R\$ 43.354.530,12. O número de clientes ativos foi de 13.775, e o valor emprestado foi 407.711.527,88. O total de operações realizadas foi de 237.452 e a inadimplência de 2,32%. Somando o total das 16 instituições do ranking o valor da carteira ativa foi de R\$ 216.312.415,30. Isso significa que as primeiras colocadas detém grande quantidade da carteira ativa do estado (AMCRED, 2017).

Deste modo, salienta-se que o microcrédito pode ser considerado uma forma de empoderamento de mulheres, entendido como a construção de autonomia e ao mesmo tempo como a possibilidade de independência em relação a um sistema imposto pelas relações de gênero (SARDENBERG, 2006), o que contribui para que as pessoas possam sair de condições financeiras ruins e passem a transformarem-se em agentes econômicos.

1.1 PROBLEMATIZAÇÃO

Muitos empreendedores estão trabalhando na informalidade devido às dificuldades referentes às burocracias que são necessárias na abertura de uma empresa. Desta forma, também acabam sendo prejudicados por não acessarem possíveis linhas de crédito dirigidas a micro e pequenos empreendimentos. Em razão disso, o sistema financeiro, como está disposto atualmente, não acomoda estas pessoas.

Existem várias modalidades de empréstimos nos bancos tradicionais, a maioria delas pede que o tomador ofereça algum bem como forma de garantia. Uma das modalidades aplicadas pelo Banco do Brasil, por exemplo, é o empréstimo com garantia de veículo. Nessa modalidade, a pessoa tem que possuir conta no banco, passar por uma aprovação da proposta, ter um veículo quitado com fabricação de até 10 anos e sem ônus, e fazer a alienação do automóvel ao banco. Nesse caso, o bem continua no nome do devedor, mas fica atrelado ao banco até o final do pagamento das parcelas. E mesmo com todas essas garantias, o valor do crédito ainda está sujeito à aprovação cadastral (BRASIL, 2018).

Assim, o microcrédito pode ser considerado uma ferramenta para essas pessoas que tanto não possuem condições de adquirir financiamentos em bancos e instituições financeiras tradicionais, como

também não possuem subsídios que garantam o pagamento do valor tomado. As instituições de microcrédito tornam-se assim uma alternativa possível para que estes pequenos negócios se desenvolvam e possibilitem a geração de desenvolvimento local.

Muhammad Yunus, que em 1983 criou o Grameen Bank, como já citado, iniciou o microcrédito por meio das suas experiências em conceder pequenos empréstimos às mulheres de uma aldeia de Bangladesh (YUNUS; MOINGEON; LEHMANN-ORTEGA; 2010). Ele já salientava a necessidade de formas alternativas às tradicionais em gerar renda e trabalho para as pessoas com uma maior vulnerabilidade social e às margens da sociedade. Yunus pontuou também que às mulheres eram as mais fragilizadas no sistema tradicional e que a partir de um pequeno crédito isso transformava em produtos que ao serem vendidos melhoravam as condições de vida de sua família. Sendo assim, muitos bancos de microcréditos foram criados em vários locais do mundo e muitos deles tinham o foco prioritário às mulheres.

As crianças se favoreciam indiretamente por conta da renda de suas mães, Yunus (2010, p.4) afirma que “as mulheres tinham mais motivação e empenho para superar a pobreza. Percebemos que a concessão de créditos às mulheres das aldeias pobres de Bangladesh era um poderoso instrumento para combater a pobreza em toda a sociedade”.

Assim, este trabalho sugere a seguinte questão de pesquisa: Qual é a percepção das mulheres tomadoras de crédito sobre as suas vidas, assim como das pessoas com as quais se relacionam na localidade?

1.2 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA

Instituições de microcrédito objetivam atingir uma camada da população que está em vulnerabilidade social, e que sem oportunidade podem estar mais propícias a situações de violência, bem como expostas a outros cenários decorrentes da falta de acesso a condições melhores de vida. A partir do momento que estas pessoas têm acesso ao microcrédito, elas passam também a contribuir socioeconomicamente com a sua localidade. Corroborando com essa afirmação, um estudo realizado por Rodrigues et al. (2015) mostrou que, ao analisar a contribuição do programa CREDIAMIGO para pessoas que possuem pequenos negócios na cidade de Petrolina-PE, o microcrédito torna-se relevante por proporcionar uma inclusão financeira a pessoas que não teriam acesso a métodos de concessão de empréstimos tradicionais. Cabe salientar que os aspectos referentes ao perfil dos clientes antes e após adquirirem o microcrédito também foram analisados. O estudo mostrou que o

CREDIAMIGO foi um fator-chave no progresso dos empreendimentos contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico.

Percebe-se também a necessidade de mais estudos empíricos focados ao microcrédito na região Sul e no estado de Santa Catarina. Na literatura existem casos empíricos clássicos como o Banco Pérola e o Banco Palmas, salientando a necessidade de mais casos regionais que espelham a especificidade desta realidade.

Ainda em relação a estudos na área, Nascimento (2013) realizou uma pesquisa com clientes do Banco Pérola, uma OSCIP de microcrédito localizada em Sorocaba – SP. Os dados da pesquisa mostraram que o microcrédito tem influência na geração de emprego e renda. Os entrevistados apontaram que a partir desse empréstimo conseguiram sair da informalidade, regularizando o negócio, e também adquirindo bens e serviços que trouxeram mais qualidade de vida. Um ponto a ser salientado, é que o perfil maior encontrado na pesquisa foi o de mulheres jovens. Elas, em sua maioria, possuíam atividades nos ramos de comércio e serviço. A maior parte delas tomou o crédito porque era a única alternativa para financiar seu empreendimento.

Melo Neto Segundo e Magalhães (2009) apresentam uma discussão acerca das principais características dos Bancos Comunitários. Os autores tratam sobre o primeiro banco brasileiro comunitário, o Banco Palmas. Abordam também os objetivos e as principais características de um banco comunitário, bem como os serviços prestados por esta organização. Discorrem ainda sobre a moeda social circulante de um banco comunitário, que é criada com o objetivo de deixar o dinheiro circulando na própria comunidade.

Há também a necessidade de mensuração e disponibilização de informações qualitativas das tomadoras de crédito a fim de melhorar a performance do banco de microcrédito, objeto do presente trabalho.

A partir das tentativas de mensuração dos efeitos socioeconômicos do microcrédito realizadas por Santos (2007), o autor afirma que há uma dificuldade bastante grande no que se refere à metodologia ao alcance de resultados quantitativos concretos. Em contrapartida, há também tentativas de “provar” as vantagens do microcrédito, isso faz com que ocorram alguns erros na análise. Para o autor, a análise deve voltar-se para a predisposição das instituições em possibilitar um oferecimento de crédito condizente com as peculiaridades do segmento de mercado em que atuam, ao invés do foco centrar-se no princípio de que os clientes que tomam crédito não possuem capacidade de geri-lo de forma adequada. O objeto escolhido para este estudo tem sede localizada na cidade de Criciúma - SC, e possui uma abrangência de filiais na região sul com uma

cartela vasta de clientes, o que faz com que seja uma instituição relevante no estado.

1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA

1.3.1 Objetivo Geral

Analisar as percepções dos reflexos socioeconômicos gerados às mulheres tomadoras de crédito na OSCIP de microcrédito Credisol Crédito Solidário.

1.3.2 Objetivos Específicos

- a) Descrever o perfil das mulheres tomadoras de crédito da OSCIP de microcrédito Credisol, SC;
- b) Analisar se/como o acesso ao microcrédito proporcionou melhorias socioeconômicas nas condições de vida dos empreendimentos e das mulheres;
- c) Verificar a representatividade da renda gerada pelo empreendimento nas condições econômicas da família;
- d) Averiguar se as mulheres percebem mudanças advindas do empreendimento no contexto local/regional de atuação.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção serão expostos os conceitos que são a base para este trabalho. Inicialmente apresenta-se uma discussão a respeito de microfinanças e microcrédito, que são os elementos centrais para esta pesquisa. Na sequência o conceito de microcrédito produtivo e orientado, salientando a relevância do programa nacional de microcrédito produtivo e orientado. Logo após, mostra-se a apresentação do conceito das Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPs), com breve discussão sobre como as Associações que representam as Instituições de Microcrédito estão organizadas. Salientam-se também as mulheres e o desenvolvimento econômico e local, as tomadoras de microcrédito e o empoderamento de mulheres.

2.1 MICROFINANÇAS E MICROCRÉDITO

Para Parente (2002), o conceito de microfinanças consiste em uma parcela do sistema financeiro direcionado a uma variedade de serviços financeiros que são sustentáveis e que tem o objetivo de atender pessoas com condições financeiras baixas que são excluídas deste sistema. Segundo a mesma autora, a finalidade das microfinanças é dupla. Isso porque tenta combater a pobreza ao passo que promove o segmento microempresarial. O que difere as microfinanças das finanças tradicionais é o meio que utilizam para realizar as ações. A organização que toma crédito e a que oferece, a autora chama esse processo de “tecnologia das microfinanças”. Nesse sentido, o microcrédito funciona como um resultado das microfinanças.

O microcrédito iniciou em meados de 1976 por meio de Muhammad Yunus, considerado o “pai” do microcrédito. Em 2006 Yunus ganhou o prêmio Nobel da Paz. Conforme já descrito na introdução, ele começou a conceder pequenos empréstimos a pessoas em condições de vulnerabilidade social em uma aldeia de Bangladesh. Estas pessoas possuíam dificuldades em conseguir empréstimos em bancos tradicionais por não possuírem garantias reais de que iriam pagar o valor emprestado. Yunus criou então o Grameen Bank – banco da aldeia. O Grameen Bank é independente, o dinheiro provém apenas de depósito e, além disso, ele presta um papel de encorajamento ao povo de Bangladesh para que sejam empreendedores e possuam autossuficiência ao invés de dependência.

Em 2010, o Grameen Bank já possuía âmbito nacional e atendia oito milhões de tomadores de crédito, sendo que 97% eram mulheres.

Inicialmente quando o banco iniciou suas atividades, o microcrédito era destinado somente a mulheres, como forma de realizar um protesto aos bancos tradicionais que se negavam a emprestar dinheiro a elas, ainda que possuíssem boa situação financeira. A partir disso, foi percebido que as mulheres tinham condições de gerir a própria renda. O objetivo inicial do banco era garantir que homens e mulheres tivessem as mesmas condições, porém a percepção por meio de casos empíricos culminou na compreensão de que as mulheres traziam muitos mais benefícios a sua família e que as crianças eram priorizadas com a renda de suas mães. Constatou-se também que elas tinham mais motivações e dedicação para saírem da situação de pobreza. Baseado nisso, conclui-se que as mulheres tomadoras de crédito em Bangladesh eram um mecanismo de reversão à pobreza em toda a comunidade (YUNUS, 2010).

Em meados dos anos 1970, surgiu o conceito de negócio social a partir das experiências de Muhammad Yunus para ajudar os pobres. Conforme Yunus (2010), a pobreza é uma situação com muitas facetas. Ele conta em seu livro que naquele momento pensou que de alguma maneira poderia contribuir para a superação deste problema. Relata ainda que passou do microcrédito para um conceito muito mais complexo que engloba o próprio microcrédito, que é o de negócio social. Este novo conceito altera significativamente a conjuntura da economia capitalista, capaz de liberar as lacunas básicas que segundo o autor, levam à pobreza e a outros problemas ambientais. O que difere um negócio social de um negócio tradicional é a destinação do lucro, que no caso do negócio social é utilizado para retro alimentá-lo (YUNUS, 2010).

Em 2010 a rede Grameen já possuía em torno de 30 outras empresas que estão englobadas ao Grameen Bank de Bangladesh. Os negócios sociais do Grupo Grameen estão nos mais diversificados ramos cuja ideia central é diminuir a pobreza. Vale lembrar que a ideia de Muhammad Yunus culminou na criação do conceito de “negócio de impacto social, mas o conceito está em constante construção” (YUNUS; MOINGEON; LEHMANN-ORTEGA; 2010).

Ainda no que tange ao microcrédito, segundo Gonzalez, Piza e Garcia (2010), é definido pela adoção de características inovadoras ao conceder crédito. Pode ser citada como sendo parte dessas inovações, a forma de concessão de empréstimos em grupo, bem como a função do agente de crédito. Este, que é de suma importância porque faz o papel de mediação entre a instituição e o tomador. A concessão dos empréstimos em grupo reduz o risco agregado à falta de garantia das pessoas pobres na hora de realizarem um empréstimo. Conforme os autores, o grupo caracteriza-se como “garantia solidária” que se apoia nos diferentes tipos

de relações existentes entre os tomadores de crédito, que se representa por meio do capital social.

Relativamente ao conceito de Capital Social, Putnam (2000) o define como um agrupamento de características compartilhadas, baseadas na confiança, em normas e sistemas. Estes elementos possibilitam ações conjuntas que aprimoram a atuação dos estados democráticos. O microcrédito gera impactos positivos, tornando as pessoas agentes de mudanças e contribuindo para o capital social das regiões (LIMA, CARVALHO; VIDAL; 2008).

Outro fator importante relacionado ao microcrédito que vale ser retomado é a sua destinação inicial às mulheres, lembrando que Muhammad Yunus já fornecia a elas o empréstimo. A preferência de concessão a mulheres e não a homens explica-se porque segundo Gonzalez, Piza e Garcia (p.58, 2010), os motivos principais para justificar essa afirmação “[...] referem-se à oposição ao viés sexista do sistema financeiro, em muitos mercados, e ao papel desempenhado pela mulher na família e na sociedade, o que contribui fortemente para a redução da pobreza”. Para os autores, esta afirmação pode estar ligada as dificuldades das mulheres em acessarem ao mercado de trabalho e também participarem do sistema financeiro.

No que se refere ao impacto social gerado pelo microcrédito, Barone (2002) afirma que apesar de não ser de fácil mensuração, ele pode ser observado quando impacta positivamente na melhoria de condições habitacionais bem como de saúde e alimentar para as pessoas que utilizam deste recurso financeiro. Outrossim, auxilia os tomadores também de forma subjetiva contribuindo para o aumento da autoestima assim como a possibilidade de incorporação em níveis superiores de consumo e educação.

2.2 MICROCRÉDITO PRODUTIVO ORIENTADO

No que tange ao conceito de Microcrédito Produtivo Orientado, a Lei Federal nº 11.110 de 2005 considera que:

3º Para os efeitos desta Lei, considera-se microcrédito produtivo orientado o crédito concedido para o atendimento das necessidades financeiras de pessoas físicas e jurídicas empreendedoras de atividades produtivas de pequeno porte, utilizando metodologia baseada no relacionamento direto com os empreendedores no

local onde é executada a atividade econômica, devendo ser considerado, ainda, que:

I - o atendimento ao tomador final dos recursos deve ser feito por pessoas treinadas para efetuar o levantamento socioeconômico e prestar orientação educativa sobre o planejamento do negócio, para definição das necessidades de crédito e de gestão voltadas para o desenvolvimento do empreendimento;

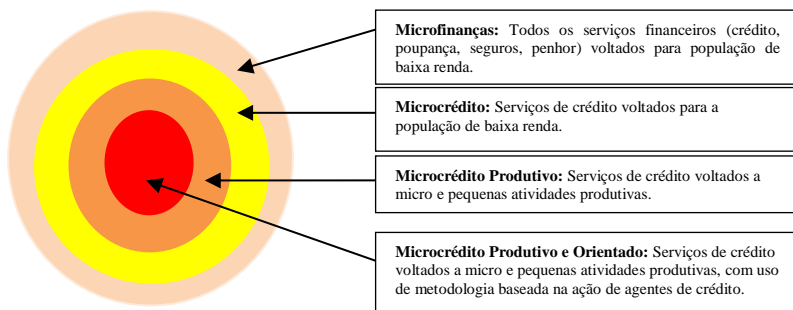
II - o contato com o tomador final dos recursos deve ser mantido durante o período do contrato, para acompanhamento e orientação, visando ao seu melhor aproveitamento e aplicação, bem como ao crescimento e sustentabilidade da atividade econômica; e

III - o valor e as condições do crédito devem ser definidos após a avaliação da atividade e da capacidade de endividamento do tomador final dos recursos, em estreita interlocução com este e em consonância com o previsto nesta Lei. (BRASIL, 2005) (BRASIL, 1999).

Para Silva e Góis (2007) as metodologias de microcrédito produtivo e orientado que são utilizadas possuem segurança ao fornecer o dinheiro aos pequenos empreendimentos, mas não se pode desconsiderar que alguns fatores devem ser levados em consideração e adaptados à realidade do país, cidade, etc.

A diferença entre o Microcrédito Produtivo e o Microcrédito Produtivo Orientado está no método que é utilizado para a concessão de crédito, isso porque no MCPO o empréstimo é realizado diretamente com o empreendedor que tem contato com o agente de crédito, e este tem um papel importante dentro do processo porque está capacitado para orientar econômica e financeiramente os tomadores (SILVA, 2007). A apresenta os conceitos de Microfinanças, Microcrédito, Microcrédito Produtivo e Microcrédito Orientado.

Figura 1 - Conceito de Microfinanças, Microcrédito, Microcrédito Produtivo e Microcrédito Orientado



Fonte: Silva (2007).

Nota: Adaptado de Alves e Soares (2006).

2.2.1 PNMPO - Programa Nacional de Microcrédito Produtivo Orientado

O Programa Nacional de Microcrédito Orientado – PNMPO foi estabelecido a partir da Lei Federal nº 11.110, de 25 de abril de 2005 e possui como objetivos gerais:

- Incentivar a geração de trabalho renda entre os microempreendedores populares.
- Disponibilizar recursos para o microcrédito produtivo orientado.
- Oferecer apoio técnico às instituições de microcrédito produtivo orientado, com vistas ao fortalecimento institucional destas para a prestação de serviços aos empreendedores populares. (BRASIL, 2005).

Segundo o portal do Ministério do Trabalho, o microcrédito produtivo orientado é disponibilizado para atender tanto às necessidades de pessoas físicas como jurídicas, que possuem negócios de pequeno porte, valendo-se da metodologia fundamentada no relacionamento direto com os empreendedores no lugar em que é oferecida a atividade econômica (BRASIL, 2017).

Por meio desse incentivo proporcionado pelo programa, algumas organizações com diferentes qualificações jurídicas puderam se beneficiar da utilização dele. O tópico a seguir apresenta as OSCIPs, que fazem parte da construção deste trabalho.

2.3 OSCIPS - ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL DE INTERESSE PÚBLICO

Entre as entidades que integram o terceiro setor, destacam-se as Organizações Sociais (OSs) e as Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPs), embora com algumas semelhanças, como o regime jurídico, por exemplo, as organizações são distintas na sua formalização.

As OSs não possuem conceito exato, com base na Lei nº 9.637/98 é possível perceber algumas características nos termos do Art. 1º que a descrevem:

O Poder Executivo poderá qualificar como organizações sociais pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, cujas atividades sejam dirigidas ao ensino, à pesquisa científica, ao desenvolvimento tecnológico, à proteção e preservação do meio ambiente, à cultura e à saúde [...] (BRASIL, 1998).

Portanto, com base no artigo supramencionado, percebe-se que organização social trata-se de uma qualificação jurídica que o Poder Executivo confere a uma entidade sem fins lucrativos e que preencha as exigências determinadas em Lei. Observa-se que a área de atuação é reservada aos serviços públicos (não exclusivos do Estado) e pôr fim a existência de um vínculo entre as organizações sociais e o Poder Público.

A parceria entre entes privados e Poder Público foi evoluindo, principalmente com as inúmeras privatizações que ocorreram no Brasil na década de 1990. Nesta década, precisamente em 23 de março de 1999, as OSCIPs foram instituídas pela Lei nº 9.790, dispondo sobre a qualificação de pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, como Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público e institui e disciplina o Termo de Parceria bem como outras providências.

Conforme disposto em Lei, o artigo 3º contempla o rol das finalidades para as pessoas jurídicas que a utilizam, devendo constar ao menos uma destas em seus objetivos sociais:

- I - promoção da assistência social;
- II - promoção da cultura, defesa e conservação do patrimônio histórico e artístico;
- III - promoção gratuita da educação, observando-se a forma complementar de participação das

organizações de que trata esta Lei;

IV - promoção gratuita da saúde, observando-se a forma complementar de participação das organizações de que trata esta Lei;

V - promoção da segurança alimentar e nutricional;

VI - defesa, preservação e conservação do meio ambiente e promoção do desenvolvimento sustentável;

VII - promoção do voluntariado;

VIII - promoção do desenvolvimento econômico e social e combate à pobreza;

IX - experimentação, não lucrativa, de novos modelos sócio-produtivos e de sistemas alternativos de produção, comércio, emprego e crédito;

X - promoção de direitos estabelecidos, construção de novos direitos e assessoria jurídica gratuita de interesse suplementar;

XI - promoção da ética, da paz, da cidadania, dos direitos humanos, da democracia e de outros valores universais;

XII - estudos e pesquisas, desenvolvimento de tecnologias alternativas, produção e divulgação de informações e conhecimentos técnicos e científicos que digam respeito às atividades mencionadas neste artigo.

XIII - estudos e pesquisas para o desenvolvimento, a disponibilização e a implementação de tecnologias voltadas à mobilidade de pessoas, por qualquer meio de transporte.

Importante ressaltar que um dos objetivos informados em seu inciso VIII, é a "promoção do desenvolvimento econômico e social e combate à pobreza", desta maneira, percebe-se a importância de fomentar o desenvolvimento socioeconômico através das OSCIPs.

Outro detalhe importante, que há uma confusão, muitas vezes, entre o significado de OSCIPs e ONGs. As Organizações sem fins lucrativos não existem no ordenamento jurídico brasileiro, em consequência disso a sigla ONG é usada de modo generalizado para distinguir as organizações do terceiro setor. As OSCIPs fazem parte de uma qualificação jurídica que é destinada as mais variadas áreas do setor público movidas por um interesse social. A qualificação de OSCIP é a

legalização mais próxima do que se pode entender por uma ONG. Vale lembrar que tornar-se uma OSCIP é opcional e não se encaixa como uma obrigação (SEBRAE, 2016).

No que tange ao Estado de Santa Catarina, *locus* dessa pesquisa, cabe ressaltar a importância da Lei nº 16.474, de 21 de Outubro de 2014, que instituiu o programa Microfinanças de Santa Catarina. Já em seu artigo 1º expressa os objetivos do Programa:

Art 1º Fica instituído o Programa Microfinanças de Santa Catarina, que tem por objetivos:

- I - possibilitar o acesso ao crédito a empreendedores populares, incentivando a geração de emprego e renda e a sua formalização, bem como a profissionais autônomos, microempreendedores individuais e pessoas jurídicas empreendedoras de atividade produtiva de micro e pequeno porte; e
- II – promover a inclusão financeira da população catarinense, especialmente a de baixa renda (SANTA CATARINA, 2014).

Assim, para alcançar os objetivos estipulados pela Lei, o programa adotará o microcrédito produtivo e orientado, que é definido como "aquele cujo atendimento das necessidades financeiras dos beneficiários utiliza metodologia baseado no relacionamento direto com os empreendedores no local onde é executada a atividade econômica" (SANTA CATARINA, 2014).

Neste cenário as OSCIPs têm papel fundamental, pois podem ser utilizadas como intermediárias na operacionalização do programa Microfinanças de Santa Catarina com base no que disciplina às Agências de Fomento do Estado de Santa Catarina S.A.

Relativamente a estudos empíricos, Carpes, Utzing e Cunha (2012) procuraram investigar em seu trabalho as características do processo de gestão das OSCIPs de microcrédito alocadas em Santa Catarina. Os autores concluíram que este processo é constituído por indicadores financeiros, e que os aspectos encontrados sugerem a necessidade da utilização de novos instrumentos de gestão os quais possibilitem impulsionar o processo decisório.

2.4 ABCRED E AMCRED

Quando se trata de organização das Instituições de Microcrédito,

cabe ressaltar a importância e a função que elas têm. Em âmbito nacional, a Associação Brasileira de entidades de microcrédito e microfinanças (ABCRED) presta um importante trabalho para as instituições de Microcrédito do Brasil. Um dos seus objetivos é zelar pelos interesses das demais instituições deste segmento no país, conforme descrito em seu estatuto: “Defender os interesses das entidades praticantes de microcrédito, microfinanças e demais associados perante todos e quaisquer órgãos públicos e privados” (ABCRED, 2011). Em seu sítio eletrônico, a associação possui as seguintes definições estratégicas: “Congregar instituições de microfinanças, representar e promover o desenvolvimento de suas associadas”, bem como “ser referência nacional como associação que promove o fortalecimento das instituições de microfinanças” (ABCRED, 2016).

A Associação das Organizações de Microcrédito de Santa Catarina – AMCRED-SC surgiu em 2006, em decorrência de um movimento associativo no estado. Movimento este que começou em 2004 e foi incentivado pela Agência de Fomento do Estado de Santa Catarina. A intenção era o fortalecimento de um trabalho em rede, bem como buscar representatividade Institucional.

Segundo a AMCRED, o microcrédito produtivo e orientado, despontou no Estado de Santa Catarina no final dos anos 90, porém só foi consolidado na década subsequente por meio da implantação de ONG’s que atuavam operando o microcrédito. Na sequência, essas organizações foram certificadas como OSCIPs por meio do Ministério da Justiça e passaram a integrar o Programa Nacional de Microcrédito Produtivo e Orientado (PNMPO) coordenado pelo Ministério do Trabalho e Emprego (AMCRED, 2017).

Nesse sentido, realizou-se uma busca no sítio eletrônico da ABCRED com a intenção de mapear as Instituições de Microcrédito Brasileiras. Conforme Quadro 01, percebe-se a grande concentração dessas empresas no estado de Santa Catarina. Concentração essa que pretende ser entendida e contemplada como um dos objetivos dessa pesquisa.

Quadro 1 - Instituições Cadastradas na ABCRED

Instituição cadastrada ABCRED	Cidade	Estado
Acreditar - Capital humano e transformação social	Glória do Goitá	PE
Acredite - Associação de	Rio do Sul	SC

microcrédito do alto vale do Itajaí		
Agência de desenvolvimento local e socioeconômico Excelsior	São Paulo	SP
Agência de microcrédito solidário do Alto Uruguai Catarinense	Concórdia	SC
Agência do Crédito	Recife	PE
Associação de crédito ao empreendedor Pérola	Sorocaba	SP
Associação de crédito comunidade do Futuro	Chapecó	SC
Associação de crédito popular solidário de Campinas	Campinas	SP
Associação mineira de crédito Popular	Patos de Minas	MG
Banco ação de desenvolvimento	Apodi	RN
Banco da Família	Lages	SC
Banco do Empreendedor	Florianópolis	SC
Banco do povo-crédito solidário	Santo André	SP
Casa do Microcrédito	Tubarão	SC
Centro de apoio aos pequenos empreendimentos do Maranhão	São Luís	MA
Centro de apoio aos pequenos Empreendimentos	Aracaju	SE
Centro de apoio aos pequenos empreendimentos do estado da Bahia	Feira de Santana	BA
Centro de apoio aos pequenos empreendimentos do estado da Paraíba	Campina Grande	PB
Centro ecumênico de apoio ao desenvolvimento	Salvador	BA
Credimais Instituição de	Rio Verde	GO

Credito Produtivo Popular		
Credioeste	Chapecó	SC
Credivale agência metropolitana de microcrédito	Blumenau	SC
Extremo oeste agência de crédito	São Miguel do Oeste	SC
Fundo rotativo da ação da cidadania	Recife	PE
ICC BluSol - Instituição Comunitária de Crédito Blumenau Solidariedade	Blumenau	SC
Instituição Comunitária de Crédito Central	Santa Maria	RS
Instituição Comunitária de Crédito Conquista Solidária	Vitória da Conquista	BA
Instituição comunitária de crédito de londrina - casa do empreendedor	Londrina	PR
Instituição comunitária de crédito Itabuna solidária (Banco do Povo)	Itabuna	BA
Instituição comunitária de credito Portosol	Porto Alegre	RS
Instituição de crédito solidário (Credisol)	Criciúma	SC
Instituição de Crédito Solidário de Maringá (MCS)	Maringá	PR
Instituto ação de desenvolvimento para a cidadania	Maceió	AL
Instituto estrela de fomento ao microcrédito (Instituto Estrela)	Patos	PB
Instituto Finsol	Recife	PB
Instituto nordeste cidadania (INEC)	Fortaleza	CE
Juriti associação de credito ao microempreendedor	Jaraguá do Sul	SC

Planorte - sociedade de crédito ao micro empreendedor do planalto norte	Canoinhas	SC
Profomento serviços financeiros	Brusque	SC
Programa providência de elevação da renda familiar	Brasília	DF
União e Solidariedade p/o Desenvolvimento Financeiro da Economia Social (Unisol)	São Bernardo do Campo	SP

Fonte:ABCRED (2017).

Nota: Elaboração própria.

2.5 MULHERES E O DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO E DESENVOLVIMENTO LOCAL

Segundo Amartya Sen (2000), o desenvolvimento se dá por meio de um processo de expansão das liberdades reais que as pessoas usufruem. O autor afirma que para se ter o desenvolvimento é necessária a ampliação de liberdades, isso porque, à medida em que as pessoas têm as suas necessidades supridas, elas se tornam agentes econômicos e de transformação contribuindo assim, para o desenvolvimento (SEN, 2000).

Ainda conforme Sen (2000), a liberdade é indispensável para o processo de desenvolvimento por dois motivos:

- 1)A razão avaliatória: a avaliação do progresso tem de ser feita verificando-se primordialmente se houve aumento das liberdades das pessoas.
- 2) A razão da eficácia: a realização do desenvolvimento depende inteiramente da livre condição de agente das pessoas (SEN, 2000, p.18).

O autor percebe o desenvolvimento como um método de aumento das liberdades reais desfrutadas pelos indivíduos. A expansão da liberdade vista desta forma é apontada como: “(1) o *fim primordial* e (2) o *principal meio* do desenvolvimento”.

Ao passo que a pessoa livra-se da situação de pobreza, ela ganha liberdades, oportunizando assim a geração do desenvolvimento. Cabe ressaltar que a conjuntura estabelecida na sociedade atualmente nega

liberdades fundamentais a muitos. Em vários casos, a falta de liberdade está associada à pobreza econômica que priva o ser humano de atender suas necessidades básicas como: saúde, moradia, educação, alimentação, saneamento básico, etc. Já em outras situações, a ausência de liberdade está relacionada à falta de serviços públicos e assistência social. E em outros casos, a liberdade é transgredida na medida em que não se pode participar da vida econômica, social e política.

Furtado (1980) se diferencia do conceito de Sen, dizendo que o desenvolvimento é gerado por meio do progresso tecnológico. Conforme o autor, o desenvolvimento tem pelo menos três dimensões: “A do incremento da eficácia do sistema social de produção, a da satisfação de necessidades elementares da população e a da consecução de objetivos a que almejam grupos dominantes de uma sociedade e que competem na utilização de recursos escassos.” (FURTADO, 1980, p.16). Para o autor, o terceiro aspecto, é com certeza o mais ambíguo tendo em vista que o que um determinado grupo social almeja, para outros é capaz de aparentar apenas recursos desperdiçados.

Segundo Moura (1998, p.37), o termo desenvolvimento local sugere o “conjunto variado de práticas e de perspectivas e permite evidenciar questionamentos quanto ao sentido ou sentidos atribuídos à noção de desenvolvimento e aos atores e espaço de gestão deste”. Para a autora, a centralidade está em práticas de uma localidade na qualidade de regiões, cidades e/ou espaços menores.

Fauré e Hasenclever (2005) também pontuam que o desenvolvimento local constituiu diversas dimensões, como citado por eles:

A noção de desenvolvimento local integra várias dimensões, espaciais, econômicas, sociais, culturais, e políticas que através de seu conjunto dinâmico podem produzir uma prosperidade sólida e durável que não se reduz somente a taxa de crescimento do PIB do município. O melhoramento dos efeitos de aglomeração, intensificação das economias de proximidade, a ancoragem física das empresas, a realização de programas de criação de emprego e renda, o apoio a modernização do tecido empresarial, os esforços produzidos para elevar o nível de qualificações e de competências e as ações facilitando a incorporação e a difusão das inovações, a construção do território por um conjunto de organizações e de serviços, o

acionamento de uma governança associando as esferas públicas e privadas, a criação de instrumentos institucionais visando adaptar as mudanças e antecipar os problemas e os desafios figuram entre os componentes do possível desenvolvimento local.(FAURÉ; HASENCLEVER, 2005, p. 19).

Ainda para os autores Fauré e Hasenclever (2007), devem ser levados em consideração e destacados três fatores no conceito de desenvolvimento local: endogeneidade, territorialidade e referências a instituições. O primeiro se refere ao sentido de ver um potencial a ser explorado dentro da localidade. O segundo diz respeito aos atores envolvidos na construção deste espaço, além dos dados físicos, deve-se considerar as pessoas envolvidas neste processo. Esses atores promovem interações entre eles. O terceiro e último concerne às instituições, que participam do desenvolvimento local por meio do desempenho de inter-relações que são geradas a partir de princípios e das organizações.

Corroborando ainda com a ideia de endogeneidade, Costa (2001) afirma que o conceito de desenvolvimento local está aliado a um processo de expansão endógeno, isso porque fatores locais, como social, cultural e produtivo são essenciais. Este modelo é mais vulnerável as pequenas e médias empresas, isso porque a capacidade competitiva delas necessita da disponibilidade de economias externas. Segundo o autor, surge daí “a necessidade de se centrar no potencial de crescimento de caráter local, considerando as médias e pequenas empresas fator de dinamização.” (COSTA, 2001, p. 111).

Assim com intuito de centrar o potencial de crescimento, instituições de apoio a estas pequenas e médias empresas surgem e se desenvolvem no mundo e no Brasil, com vistas não apenas de disponibilizar crédito, mas orientar o uso deste.

No que concerne a trabalhos referentes ao objeto de estudo, a Instituição Credisol, foram feitas algumas pesquisas como a de Gastaldon e Guglielmi (2010), em que foi analisado um comparativo na geração de empregos a participantes do programa de microcrédito promovido pela instituição e o que se evidenciou foi que houve um aumento de microempreendedores atendidos pela Credisol no período analisado, e um aumento também na geração de emprego por estes microempreendedores. Já Albuquerque, Salvaro e Estevam (2014) analisaram as características socioeconômicas do acesso de mulheres ao microcrédito por uma instituição de microcrédito da região do extremo sul catarinense no

período de 2002-2012. O trabalho evidenciou que a idade das tomadoras varia de 31 a 50 anos, geram não mais que três empregos em suas microempresas e a faixa de crédito aportada é acima dos R\$ 10.000,00.

No que se refere a casos empíricos internacionais evidenciados nas bases de dados científicas, realizou-se uma busca na plataforma Scopus®, aplicando os descritores “local” and “development” and “microfinance. Outras buscas com outros descritores foram feitas, porém para o objetivo desta pesquisa estas palavras foram as mais adequadas. Dos 136 resultados encontrados, analisou-se três dos artigos mais citados, sendo que estes possuem mais de 100 menções na plataforma.

O artigo em que apareceu o maior número de vezes possui 238 citações, Khandker (2005) analisa os efeitos do microfinanciamento sobre a redução da pobreza usando dados do painel de Bangladesh, os resultados sugerem que o acesso ao microfinanciamento contribuiu para a redução da pobreza na aldeia. E também, conclui-se que o microfinanciamento não auxilia só as pessoas pobres da aldeia, mas também a economia local.

No segundo trabalho, que possui 236 citações, Rankin (2001) trata do surgimento de programas de microcrédito como uma estratégia para o alívio da pobreza em todo o mundo, utilizando o caso do Nepal. No modelo de microcrédito obtido como resultado, a responsabilidade por empréstimos rurais é transferida de bancos comerciais para bancos de desenvolvimento rural subsidiados. E as mulheres mutuárias se tornam o alvo de uma forte abordagem de auxílio para o desenvolvimento.

O terceiro trabalho, escrito pela mesma autora do anterior, apresenta 174 citações. Rankin (2002) avaliou as ideias prevaletentes sobre o capital social contra três abordagens alternativas. O artigo conclui trazendo percepções críticas sobre as possibilidades de conceber programas de microfinanças e exercer um tipo de desenvolvimento mais geral, que poderia englobar a solidariedade das mulheres para desafiar as ideologias dominantes de gênero.

Para Gallichio (2002,) o andamento do desenvolvimento local tem relação com o território onde está inserido. O autor alerta que o território não se limita apenas ao espaço físico, mas sim a construção social deste espaço. Para ele, o conceito de local precede algo global.

O desenvolvimento local consiste em crescer a partir de um ponto de vista endógeno e também obter recursos externos, exógenos (investimentos, recursos humanos, recursos econômicos), assim como deter a capacidade de controle do excedente

que se gera no nível local. O desafio passa, então, pela capacidade dos atores em utilizar os recursos que passam, e ficam, em seu âmbito territorial, para melhorar as condições de vida dos habitantes. (GALLICHIO, 2002, p. 78).

Para o mesmo autor, o conceito de sociedade local tem duas condições: “[...] uma condição sócio-econômica (a possibilidade de que os atores disponham e discutam a geração e o uso do excedente econômico ali gerado) e uma condição cultural (sentirem-se pertencentes ao território, a identidade)” (GALLICHIO, 2002, p. 79).

As percepções de Yunus na década de 1970 de que as mulheres modificam a realidade ao seu entorno corroboram com Sen (2000), isso porque para o autor elas são agentes de desenvolvimento e podem contribuir para a mudança social. Elas contribuem com “a melhora da sobrevivência das crianças” (SEN, p. 235). As mulheres possuem motivação para abrirem seus negócios e assim podendo contribuir para o desenvolvimento econômico e local. Será apresentado a seguir, o microcrédito como uma opção destas para a inserção no mercado de trabalho.

2.6 MULHERES TOMADORAS DE MICROCRÉDITO

A progressiva ascensão das mulheres no empreendedorismo brasileiro indica o grande potencial que elas possuem para gerir negócios e contribuir com o desenvolvimento do país. Conforme o relatório publicado pelo *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM, 2017), no ano de 2016, a taxa de abertura de empreendimentos no Brasil revelou 48,5 % para homens e 51,5 % para mulheres. O conjunto de empreendedores iniciais é composto por homens e mulheres em quantidades muito próximas, mas o relatório também aponta que elas são mais escolarizadas em comparação aos homens, mais jovens e que a maioria está inserida no setor de serviços (GEM, 2017).

Segundo o relatório sobre as estatísticas de empreendedorismo publicado pelo IBGE, entre os anos de 2010 a 2012, ocorreu uma larga expansão na participação das mulheres tanto nas empresas de alto crescimento total (33,5% em relação a 32,4%), quanto nas empresas ativas com dez ou mais pessoas ocupadas (35,4% em relação a 34,3%). Estas, que são organizações que possuem um amplo impacto na geração de postos de trabalho. Independentemente deste aumento, a participação das mulheres nas organizações de alto crescimento ainda se faz minoria

em relação à participação feminina em empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (IBGE, 2012).

Ao observar as mulheres, pode-se dizer que elas têm um papel importante no empreendedorismo, pois em sua maioria, são elas que tendem a estar mais atentas às questões sociais. Conforme Humbert (2002), as mulheres tiveram um impacto positivo na sociedade por meio do envolvimento no terceiro setor, colocando alguns temas, como crianças, família, saúde da mulher, violência e discriminação contra certos grupos da população na agenda social.

Existem alguns motivos para que as mulheres tomem a iniciativa de empreender. Insatisfação com a carreira anterior concomitantemente com o desejo de conciliar trabalho e família são algumas das razões pelas quais as mulheres sentem-se motivadas a empreender (MACHADO, 2003).

Carvalho (2012) afirma que são inquestionáveis as transformações que o microcrédito realizou para as mulheres. Os resultados obtidos na pesquisa da autora sinalizam que além dos benefícios no que diz respeito à renda e ao emprego, algumas questões subjetivas como independência, autonomia e autossuficiência destacaram-se. Isso mostra que este empréstimo torna-se uma ferramenta promotora de autonomia.

Apesar de todos os obstáculos enfrentados pelas mulheres, e de todas as disparidades que estão intrínsecas no mundo do trabalho, alguns benefícios podem ser notados às tomadoras de microcrédito. Carvalho (2012) aponta que mesmo com as dificuldades no que diz respeito ao trabalho excessivo e da pouca valorização da força de trabalho feminina, o oferecimento de microcrédito pelas Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público, bem como pelas Organizações Não Governamentais tornaram-se subsídio para a elevação da autoestima e a realização profissional.

Embora seja oferecido pouco dinheiro com o microcrédito, ele resulta em impactos positivos na vida das mulheres. Geraldo (2004) afirma que o valor de crédito oferecido para as mulheres é um componente importante no que se refere à sustentação do negócio. Na pesquisa da autora, a qualidade de vida aparece como um dos fatores resultantes que o microcrédito possibilitou. As motivações para o início de um negócio estão relacionadas com falta de emprego, complemento da renda familiar e desejo de realização pessoal. Na instituição onde foi realizada a pesquisa de Geraldo (2004), a maioria dos tomadores e tomadoras estão no setor formal. Porém quando é feito o recorte de gênero, as mulheres aparecem como mais presentes no setor informal. Os ramos em destaque que elas se encontram são: comércio, indústria e

serviços. O trabalho foi identificado como um elemento significativo para realização pessoal, independentemente de todos os desgastes que ele ocasiona.

A saída da informalidade tem sido sinônimo de emancipação para algumas mulheres, já que trabalhar informalmente é uma possibilidade real, sobretudo para as que são discriminadas pela função que exercem. Vale lembrar que essa emancipação pode gerar a possibilidade de ocupação de espaços que antes eram vistos apenas como masculinos, e também beneficiar a permanência no mercado de trabalho (CARVALHO, 2012).

A falta de divisão das tarefas domésticas com o companheiro é um dos fatores que dificultam este processo de empoderamento, corroborando com a comprovação realizada na pesquisa de Cezar (2016). Segundo a autora, essas mulheres por não quererem entrar em atrito com seus companheiros acabam assumindo toda a responsabilidade das tarefas domésticas.

Conforme Hirata e Kergoat (2007), o conceito de divisão sexual do trabalho está atrelado a forma que é dividido socialmente o trabalho entre os sexos. Os homens estão ligados às funções superiores as das mulheres, cargos que têm maior valor social. Uma das características é o enquadramento das mulheres no que se refere à esfera reprodutiva e dos homens na denominada esfera produtiva. O trabalho está centrado em dois princípios norteadores. Um em que o trabalho do homem tem mais valor do que o da mulher, e o outro em que existem diferentes trabalhos para homens e mulheres, denominados de princípio hierárquico e princípio de separação, respectivamente (HIRATA; KERGOAT, 2007).

O dinheiro para as mulheres torna-se importante na medida em que podem ter a possibilidade de independência do cônjuge; o valor financeiro serve como um instrumento de poder e reafirma o significado de autonomia. Esta, que é percebida como motivo de conflitos nas relações conjugais. Isso porque, os companheiros não lidam bem com o fato das esposas terem maior remuneração que eles e serem a principal fonte de renda da casa. Ou seja, haveria uma inversão da lógica culturalmente construída, em que o homem seria o “provedor” da casa (GERALDO, 2004).

As formas em que a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres podem ser proporcionados entre diferentes instituições financeiras, dependem do tipo de instituição, do contexto e das capacidades (MAYOUX, 2010). O conceito de igualdade de gênero está atrelado ao fato de que mulheres e homens são diferentes, mas devem ter as mesmas oportunidades, responsabilidades e igualdade em direitos. E

que os direitos devem ser assegurados independente do sexo das pessoas (UNITED NATIONS, 2001).

Segundo Araújo e Lombardi (2013), apesar da diminuição do desemprego, o crescente progresso econômico brasileiro não foi capaz de sanar os problemas do trabalho informal. As autoras traçam um panorama do trabalho informal no Brasil na década de 2000 considerando o recorte de gênero e raça. A pesquisa mostrou que a desigualdade de gênero está posta e foi confirmada pela maior captação de mulheres no mercado informal do que homens. Comprovou-se também que as mulheres negras ganham menos, não importando o grau de escolaridade que possuem e também em qual segmento estão incluídas. Evidencia-se então que mesmo com a inserção das mulheres do mercado de trabalho formal, elas não conseguiram diminuir a disparidade salarial em relação aos homens. Essa inserção pode ser atribuída a maior escolaridade delas, porém mesmo em postos superiores a diferença salarial não é sanada. A partir do que foi exposto, o empoderamento de mulheres pode ser visto como uma possibilidade para inserção destas no mercado de trabalho.

2.7 EMPODERAMENTO DE MULHERES

Muito se fala em empoderamento na atualidade. O termo é um conceito bastante polemizado, e dentro do próprio movimento feminista existe a dissonância do termo. Segundo Sardenberg (2006), a desconfiança ao usar a palavra tem explicação. O termo é usado exacerbadamente e sem muito critério a respeito do significado. Para a autora, quando se fala em gênero e desenvolvimento é comum o uso indiscriminado do termo não só por pessoas de dentro da academia. A concepção adotada neste trabalho será pelo entendimento na perspectiva feminista. O fundamento maior está centrado na conquista da autonomia, bem como a tentativa de exclusão da ordem patriarcal.

Para nós, feministas, o empoderamento de mulheres, é o processo da conquista da autonomia, da auto-determinação. E trata-se, para nós, ao mesmo tempo, de um instrumento/meio e um fim em si próprio. O empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal (SARDENBERG, 2006, p. 2).

Para Labrecque (2010), de fato os programas de microcrédito são

promotores de mudança, porém não são capazes de melhorar a “justiça social”, os “direitos humanos” e a “cidadania”. As mulheres só poderão competir em paridade com os homens no mercado de trabalho desde que libertarem-se obrigações que cumprem alheias ao trabalho remunerado, como o cuidado com as crianças e idosos. Nesse sentido, Levinas (1996) salienta a importância da abertura de creches e locais para o cuidado de idosos, isso porque somente a partir do momento em que as mulheres não ocuparem mais seu tempo com todas as demandas que envolvem o ambiente doméstico, bem como não se sentirem culpadas por isso, poderão competir igualmente com os homens no mercado de trabalho.

Fortalecendo esta ideia, ficou evidenciado na pesquisa realizada por Geraldo (2004) que grande parte das entrevistadas considera importante que o local de trabalho seja separado do âmbito doméstico, sendo que algumas delas fazem um grande esforço para suprirem esta necessidade. Elas conseguem fazer a separação entre o lar e o trabalho, mesmo que de maneira simbólica. Vale lembrar que há um déficit no que diz respeito a políticas públicas que proporcionem creches e atividades em tempo integral para os filhos (GERALDO, 2004).

Os programas de microfinanças são meios de contribuir para o alívio da pobreza. Contudo, é necessário que sejam questionadas as formas que contribuem para o empoderamento, principalmente das mulheres mais pobres, em que nesses espaços as complexidades das relações de poder e desigualdades são ignoradas (MAYOUX, 2001).

Em um estudo realizado por Orhan e Scott (2001), a fim de investigar os fatores que motivaram as mulheres a iniciar seus próprios negócios, os autores identificaram em uma pesquisa qualitativa com 25 mulheres francesas, que uma série de situações envolve as decisões das mulheres para se tornarem empresárias. Foram apresentadas como: "de conformidade dinástica", "nenhuma outra escolha", "empreendedorismo por acaso", "sucessão natural", "empreendedorismo forçado", "empreendedor informado" e "empreendedor puro". Como é perceptível, a realidade em outro país não se difere muito do que é encontrado no Brasil. As mulheres empreendem em sua maioria por necessidade, ou por não ter uma maneira de conseguirem a sua própria autonomia financeira.

Sardenberg (2010) identificou as mudanças nas relações de gênero, em um bairro da classe trabalhadora na Bahia. Os dados coletados possuem um recorte de 20 anos. Foi constatado pela autora que no decorrer de várias gerações, o fato das mulheres não dependerem mais economicamente dos homens foi uma contribuição significativa para que elas tivessem o poder de afirmar que podiam controlar suas respectivas vidas. Cabe ressaltar que a solidariedade feminina é um ponto de

destaque. Tal solidariedade, principalmente identificada por mulheres que são parentes, possibilitou o avanço do exercício do poder para realizar mudanças na vida de alguém.

Segundo o relatório da ONU Mulheres sobre o progresso das mulheres no mundo em 2015-2016, o empoderamento das mulheres e das meninas é um dos objetivos mais ansiados por todos. O documento propõe uma agenda integral de prioridades para a intervenção pública. São dez itens, conforme elencado (UN WOMEN, 2015, p. 238-241, tradução nossa):

1. Criar mais e melhores empregos para as mulheres;
2. Reduzir a segregação ocupacional e as disparidades salariais por gênero;
3. Fortalecer a segurança da renda das mulheres ao longo de seu ciclo de vida;
4. Reconhecer, reduzir e redistribuir o trabalho doméstico e de cuidado não remunerado;
5. Investir em serviços sociais com perspectiva de gênero;
6. Maximizar os recursos destinados a igualdade substantiva;
7. Ajudar as organizações de mulheres a exigir seus direitos e influenciar a agenda pública em todos os níveis;
8. Criar um ambiente global propício à realização de direitos das mulheres;
9. Usar as normas de direitos humanos para projetar políticas e catalisar a mudança;
10. Obter evidências empíricas que permitam avaliar o progresso na área dos direitos econômicos e sociais das mulheres.

O conceito de igualdade substantiva, segundo Sorj (2016, p.617) tem relação com “a presença de barreiras estruturais e normas discriminatórias de gênero que reproduzem desigualdades e que precisam ser entendidas e removidas”. Para a autora, uma contribuição bastante considerável do relatório concerne ao entendimento de que para mulheres terem a possibilidade de adquirir a igualdade substantiva, o trabalho doméstico e de cuidado deveria ser igualmente dividido com os homens. Corroborando com o que foi visto por outras autoras, o relatório também coloca em pauta a criação de políticas públicas que possibilitem acesso a creches, bem como ampliação de licenças maternidade e paternidade. Sorj (2016) salienta que o relatório não mostra quais seriam as alternativas para que ocorram mudanças na organização do mercado de trabalho.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O método adotado foi o indutivo uma vez que o objetivo deste trabalho se propôs a analisar os casos de uma parcela das empreendedoras locais, a fim de analisar a importância destas como agentes de mudança e transformação social. Quanto aos procedimentos metodológicos, a pesquisa possui caráter qualitativo e descritivo. Segundo Creswell (2010, p.26), “a pesquisa qualitativa é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano.” A abordagem qualitativa se faz adequada nesta pesquisa para que os fenômenos possam ser estudados e interpretados.

Para a análise a estratégia escolhida foi a de conteúdo, isso porque possibilita a construção de unidades de registro assim como categorias de análise. Foram contemplados três procedimentos: i) a pré-análise, ii) a exploração do material e iii) o tratamento dos resultados (BARDIN, 2004). Por meio deste tipo de análise é possível elucidar as razões das mensagens bem como entender seus efeitos. Segundo Bardin (2004, p. 37), a análise de conteúdo é definida como:

“um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.”

A estratégia utilizada foi um estudo dirigido e a amostra foi selecionada e indicada pelos gestores da Instituição, que se deu por meio de percepção dos agentes de crédito a respeito dos casos de clientes exitosos. Além disso, foi realizada uma observação junto às mídias sociais da empresa e dos vídeos institucionais, para que fossem observados os casos de mulheres exitosas no exercício de sua atividade. Por meio dessa triangulação com os vídeos e mídias sociais foram escolhidas nove mulheres pelos agentes de crédito dos respectivos municípios. Em um primeiro momento fez-se contato com o coordenador de inovação e projetos da empresa, que forneceu os telefones dos agentes de crédito. Após, foram realizadas ligações aos agentes de crédito dos municípios de Araranguá, Criciúma e Praia Grande, para que eles apontassem as mulheres que poderiam ser entrevistadas. Foram indicadas mulheres destes três municípios do estado de Santa Catarina, bem como uma do

estado do Rio Grande do Sul que pertence a Credisol de Praia Grande - SC. Na sequência, foram realizados os agendamentos das entrevistas. Houve o contato com mais mulheres nos municípios pesquisados, mas devido à agenda, não puderam participar da pesquisa. As entrevistas duraram em média 40 minutos, sendo que a de maior duração teve uma hora, e a menor quinze minutos.

Para contemplar o objetivo deste estudo, em primeiro lugar, realizou-se uma busca de artigos científicos sobre tomadoras e o microcrédito, após realizou-se uma entrevista com os gestores da instituição para decidir a amostra da pesquisa (Apêndice A). Em um terceiro momento, foram feitas as entrevistas com roteiro semiestruturado (Apêndice B) com as gestoras/fundadoras dos respectivos negócios a fim de entender a função destas como geradoras de desenvolvimento local.

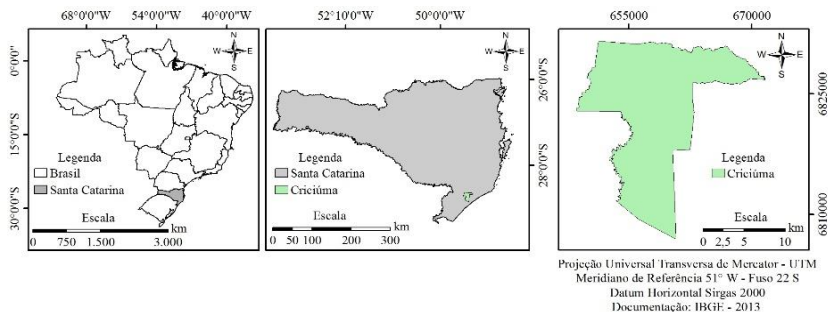
As variáveis que foram utilizadas para analisar este estudo se deram a partir da categoria de desenvolvimento local. No que tange ao desenvolvimento, foi possível compreender se na visão das tomadoras de microcrédito o recurso tomado gera circulação de dinheiro na localidade (bairro) contribuindo para negócios e serviços na comunidade. Isso porque, conforme já visto nesta pesquisa se os excedentes produzidos numa região continuam circulando nela significa que há promoção de desenvolvimento local. A partir da saída a campo e das entrevistas realizadas, por meio das percepções das tomadoras sob o âmbito pessoal foi possível realizar a construção de indicadores para essas variáveis.

3.1 UNIVERSO DA PESQUISA E LOCALIZAÇÃO

Em relação ao objeto de estudo, a pesquisa foi realizada em uma OSCIP de Microcrédito, localizada na cidade de Criciúma - SC, cujo nome fantasia é Credisol. Esta instituição foi fundada no ano de 1999, por meio da Agência de Fomento de Santa Catarina S.A. – BADESC. O objetivo desta organização é facilitar o acesso ao crédito de forma simples e também fornecer orientação técnica gratuita, para o fortalecimento do negócio, com o apoio técnico do SEBRAE. O Ministério da Justiça qualifica a CREDISOL como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público – OSCIP. Possui 12 postos de atendimento que abrangem os 27 municípios do sul do Estado de Santa Catarina, nas microrregiões da AMESC (Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense) e AMREC (Associação dos Municípios da Região Carbonífera). Em seu sítio eletrônico, a empresa apresenta como objetivo social: “Ser a Instituição de microcrédito mais ativa e reconhecida destacando-se pela orientação técnica e apoio, além do crédito, aos

microempreendedores formais e informais dos municípios que integram as microrregiões AMREC e AMESC” (CREDISOL, 2016).

Figura 2 - Mapa de Localização do Objeto de Estudo



Fonte: Elaboração própria, 2017.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Em um primeiro momento na análise desta pesquisa, procurou-se descrever o histórico da instituição Credisol, sob a perspectiva dos gestores com o propósito de investigar se os gestores percebem que a iniciativa pública contribuiu para a instalação das OSCIPs de microcrédito em Santa Catarina. Isto se deve ao fato de que há uma grande concentração de instituições que oferecem microcrédito no estado de Santa Catarina, como já mostrado nesta pesquisa (Quadro 01).

Ao realizar uma pesquisa exploratória, Chaves (2011) investigou os principais motivos que estão impedindo a ascensão das instituições de microcrédito no Brasil, tendo concluído que a ampliação das atividades de microcrédito é uma urgência do Estado e que este deve ser o provedor deste processo. Nesse sentido, buscou-se também compreender se a instituição em estudo tem a preocupação ou intuito de trazer a formalidade a estas pessoas que estão em situação informal e tomam crédito. Buscou-se ainda, entender qual a relevância da qualificação jurídica como OSCIP da instituição. Ademais, entender também se esse crédito ao ser repassado é no formato orientado e como estes recursos efetivamente chegam até a ponta da cadeia.

Para contemplar os demais objetivos deste estudo, houve a necessidade de descrever o perfil das tomadoras de microcrédito para que fosse possível compreender as participantes da pesquisa. Na sequência, por meio de um quadro explicitando a finalidade do crédito foi possível analisar se/como o microcrédito proporcionou melhorias socioeconômicas nas condições de vida dos empreendimentos e das mulheres verificando também a representatividade da renda gerada pelo empreendimento nas condições econômicas da família.

4.1 HISTÓRICO INSTITUCIONAL SOB A ÓTICA DOS GESTORES

A entrevista foi realizada com o consultor jurídico da instituição e com o coordenador de projetos e inovação da empresa, denominados como E01 e E02, respectivamente. Inicialmente, no que se refere ao histórico da instituição, um dos entrevistados menciona a importância da regulamentação da Lei 9.790/99.

Ela (Credisol) existe desde 1999, foi criada justamente no advento da **Lei 9.790** que **regulamentou o microcrédito no Brasil**, que logicamente se baseou em experiências advindas

de outros países. E de lá pra cá, a Credisol além de movimentar alguns milhões de reais e milhares de clientes, ela proporcionou a inclusão social e a educação financeira. E certamente proporcionando a saída da informalidade para a formalidade. Que é o que se pretende, que as pessoas que têm talento, que tem vontade, que tem necessidade, que tem espírito, que tem alguma técnica possam se aperfeiçoar, possam melhorar de vida e possam entrar no mercado, não só de trabalho mas em todo o processo produtivo e participar da vida empreendedora do país. Então isto, para nós, é aquilo que a gente vislumbra, que é a nossa missão, nosso objetivo, de poder trazer esses brasileiros no mercado formal contribuindo para o desenvolvimento econômico e sustentável (E01, 2017) [Grifo nosso].

Acerca do funcionamento da empresa, o consultor jurídico menciona a importância dos órgãos de fomento, bem como o método de fiscalização existente. Segundo ele, o discurso entre ambas as instituições deve ser afinado.

O BNDES, assim como o BADESC, e o BRDE, são bancos de investimento e fomento. De desenvolvimento. O que eles fazem? Eles vêm aqui, conhecem a instituição, ofertam linhas de crédito, projetos que eles desenvolvem e vêm onde que a OSCIP se enquadra, se encaixa. Uma vez afinado o discurso entre ambas, o projeto é liberado e eles repassam o recurso. De acordo com a capacidade da instituição de poder absorver aquele recurso e depois retornar, porque não é o dinheiro a fundo perdido, é um dinheiro que vem com taxa de juro definida, com correção monetária definida. Ou seja, a gente recebe 1 milhão tem que devolver 1 milhão com a devida remuneração (E01, 2017).

Relativamente às OSCIPs, o advogado mostrou muita clareza no que tange ao terceiro setor. Ele ressaltou ainda a importância que a Lei 9.790 teve na regulamentação dessas instituições.

OSCIP na verdade é uma criação jurídica, no processo legislativo brasileiro, que contemplou justamente diversas atividades, dentre elas, o microcrédito como uma entidade do terceiro setor, constituída sob a forma de associação civil, prevista no código civil, e que se presta justamente a cumprir as diversas missões que constam nessa Lei 9.790 de 1999. Na verdade não existe uma intenção, é um mero cumprimento da lei. Porque qualquer atividade para ela se consolidar na sociedade ela precisa ter um respaldo legal para justamente não se dizer: tá, mas não tem norte? Não tem uma missão? Não tem norma? Não tem responsabilidades? Não tem direitos? **Então a Lei 9.790 fez isto, ela regulamentou o processo de criação das organizações da sociedade civil de interesse público justamente que caracteriza o terceiro setor** (E01, 2017) [Grifo nosso].

Ela não poderia ser uma sociedade limitada, ela não poderia ser uma SA. Ela não podia ser uma EIRELE, ela não podia ser uma MEI, ela não podia ser uma ME, ela não podia ser uma EP, porque tudo isso são atividades lucrativas. E a OSCIP de microcrédito ela tem por definição legal a obrigatoriedade de não ter atividade lucrativa, ela não distribui lucros para os seus associados ou para os seus conselheiros, ela pode pagar salários, ela pode pagar honorários, efetiva prestação de serviço de forma autônoma ou sobre vínculo empregatício. Mas a característica fundamental dela ser uma OSCIP é justamente essa, dela não ter distribuição de lucros, é não ter objetivo aquilo que qualquer banco, qualquer empresa industrial ou comercial tem o direito de ter. É justamente que ela utiliza recursos públicos para poder promover o desenvolvimento (E01, 2017).

Corroborando com o que foi relatado pelo coordenador da instituição, o Manual de entidades sociais do Ministério da Justiça entende como vantagens da qualificação como OSCIP, as seguintes possibilidades:

–de receber doações de empresas, dedutíveis do Imposto de Renda;–de receber bens móveis

considerados irrecuperáveis;—de remunerar os dirigentes;— de firmar Termo de Parceria com o Poder Público;—de receber bens apreendidos, abandonados ou disponíveis administrados pela Secretaria da Receita Federal (BRASIL, 2014).

Assim como os ganhos, os entrevistados mencionaram que uma das funções da OSCIP de microcrédito é a orientação aos tomadores dos recursos.

O microcrédito é autorizado inclusive para bancos, inclusive o banco xxx e o yyy também fazem isso. O banco xxx pode ter essa linha como uma linha subsidiária mas não é foco, o xxx não dá o treinamento, não é microcrédito produtivo e orientado, o nosso é orientado por definição. A OSCIP precisa orientar. Então é isso que fizemos, nós tomamos os recursos, buscamos os tomadores potenciais dentro daquilo que qualquer instituição, que para emprestar recursos exige, as pessoas precisam ter uma certa dose de credibilidade e conceito de crédito. Mas ainda assim, nós admitimos pessoas aqui com alguma restrição cadastral, nós não exigimos hipoteca, não exigimos garantias reais. Nós olhamos, e a fulana garante a sicrana, a sicrana garante o beltrano. É garantia pessoal, em 90% dos casos. Muito raro ter garantias de bens, imóveis ou móveis. Para quê? E por quê? Porque se nós não fizermos assim nós vamos ser iguais aos bancos. Os bancos não aceitam o pipoqueiro lá dentro. Os bancos não aceitam a faccionista lá dentro, e essa pessoa que a gente precisa estimular, informar, aclamar as ideias dela em relação aquilo que ela já sabe fazer (E01, 2017).

O microcrédito produtivo orientado é definido como um crédito especializado para uma certa parte da economia, que são os micro e pequenos empreendimentos sejam eles formais ou informais. O seu propósito é atender uma parcela da população que possui empreendimentos de pequeno porte, geralmente administrados por pessoas com baixo poder aquisitivo, que tomam o crédito para utilização no negócio e não para consumo.

Este tipo de modalidade de acesso ao crédito é visto como gerador de desenvolvimento, devido ao fato de que gera melhoria da oportunidade de consumo da unidade familiar mediante a geração de renda (BARONE; SADER, 2008). Além da orientação como diferencial, o coordenador de projetos e inovação da empresa também citou uma lacuna deixada pelos bancos tradicionais:

Ainda existe uma lacuna muito grande deixada pelos bancos, e é aí que a gente entra, atender esse pessoal. São pessoas que têm as suas atividades há muitos anos e estão às margens do sistema, que tem dificuldade. A gente sabe que tem oferta de crédito para eles, oferta tem. Mas eles não se enquadram, na hora de acessar vão para o banco, vão ter que abrir conta, vão movimentar (E02, 2017).

Para Parente (2002), o conceito de microfinanças consiste em uma parcela do sistema financeiro direcionado a uma variedade de serviços financeiros que são sustentáveis e que tem o objetivo de atender pessoas com condições financeiras baixas que são excluídas deste sistema. Segundo a mesma autora, a finalidade das microfinanças é dupla. Isso se deve ao fato de que tenta combater a pobreza ao passo que promove o segmento microempresarial. O que difere as microfinanças das finanças tradicionais é meio pelo qual se relacionam a organização que toma crédito e a que oferece; a autora chama esse processo de “tecnologia das microfinanças”.

Importa destacar que a Instituição preza pela transparência, e que todos os tomadores e cidadãos podem ter acesso aos resultados da empresa.

Nós temos a lei da transparência, ela foi editada há uns dois, três anos atrás, em que se busca justamente, em qualquer aplicação de recursos públicos, nós temos que ter a transparência absoluta. E a Credisol tem um portal de transparência, tem no site, ela tem aqui os números a disposição de qualquer cidadão interessado, não precisa ser fiscal da fazenda, não precisa ser fiscal da receita, não precisa ser autoridade coisa, nem promotor, nem nada. O cidadão vem aqui e tem acesso, é claro de uma forma organizada (E01, 2017).

Em relação aos desafios da Qualificação de OSCIP, os entrevistados mencionam alguns enfrentados. Eles afirmam que mesmo alguns tomadores não honrando com as parcelas do pagamento de empréstimos, o índice de inadimplência é relativamente baixo quando comparado a outros segmentos.

O desafio é a gente poder cumprir a missão sabendo que, a gente muitas vezes, apoia pessoas que não poderão respaldar o compromisso que assumiram. Ainda assim, o nosso índice de inadimplência é muito baixo, inclusive comparado a segmentos lucrativos do mercado financeiro e mercado empresarial. Hoje o nosso índice de inadimplência está abaixo de 5% (E01, 2017).

Os ônus de ser OSCIP de microcrédito são os naturais de toda pessoa física ou jurídica de poder às vezes cometer erros ou ter revezes naturais na vida seja pessoal ou empresarial, nesse caso institucional (E01, 2017).

Eu acrescentaria também alguma dificuldade por conta do mix de produtos, a gente não consegue ter uma capilaridade muito grande, de muitos tipos de produtos financeiros, por exemplo. A gente tem que ser criativo com o que a gente pode operar (E02, 2017).

Nós somos monoproduto, nossos clientes não movimentam conta corrente. Eles não são cobrados para terem seguro, eles não são exigidos de reciprocidade, não se pede saldo médio, ninguém vende cartão de crédito e nem previdência privada, nem título de capitalização, nem CDB. A gente não vende esse tipo de coisa porque nós não somos instituições financeiras tradicionais, o nosso é conversar com a fulana e com a sicrana e dizer: vocês tem aquele empreendimento que vocês querem montar, seja ele qual for, vocês estão nos apresentando a ideia. Não existe nada que não possa ser considerado para ser acolhido por uma instituição de microcrédito, desde que ela se enquadre na natureza da operação, na definição legal da instituição e que haja principalmente uma perspectiva bem assegurada de retorno, se não o sistema quebra (E01, 2017).

Os entrevistados relataram os desafios que enfrentam para se qualificar juridicamente como OSCIP e confirmam que esses impasses estão relacionados à burocracia natural das Instituições. Relativamente às desvantagens da qualificação de OSCIP, destaca-se a “resistência a mudanças, rompimento de barreiras burocráticas dificultando o enfoque nos resultados e a necessidade de maior controle da administração pública” (RAMOS, 2012, p.37).

Vale ressaltar a importância e a visibilidade que o Estado de Santa Catarina possui no que concerne às OSCIPs, conforme mencionado pelo coordenador de projetos e inovação da empresa:

Santa Catarina é modelo para o país das Organizações da Sociedade Civil de interesse público de microcrédito. Muito embora nós ainda não sejamos regulados pelo banco central, a gente não faz parte do sistema financeiro tradicional. Mas nós recebemos um espaço no fórum do Banco Central para expor a experiência do microcrédito catarinense. Então, tivemos lá um espaço para contarmos para o Brasil o que a gente teve aqui ao longo desses anos. Então.. Desde 1999 pra cá essas OSCIP, muito desse resultado de hoje aconteceu por conta do movimento que foi feito pelo BADESC, a própria história da Credisol, mostra isso, o BADESC percorreu o Estado de Santa Catarina estimulando a criação de OSCIPs e recebeu então o apoio técnico do Sebrae. E BADESC e SEBRAE percorrendo o Estado, passando em prefeituras e mobilizando pessoal, mostrando justamente a figura jurídica, o que significa de ser uma OSCIP e estimulando a criação dessas associações, porque é uma associação mas com certificado de OSCIP. Quem é que qualifica a OSCIP? É o ministério da justiça [...](E02, 2017). Existem alguns fatores externos que podem influenciar, sem dúvida. Tem algumas legislações, mas Santa Catarina também é pioneira no marco regulatório, foi aprovado na câmara base do microcrédito, na base legal do microcrédito. Que isso dá uma segurança maior para os OSCIP [...](E02, 2017). Seria talvez uma legislação nacional, uma política do banco central que possa. Mas aqui no Estado, a gente tem um relacionamento... Nós temos

representatividade aqui no Estado de alocação de recursos, são bilhões de recursos se somar às 18 OSCIPs. Tanto que o sucesso do juro zero, muito se deu pelas OSCIPs. Não é nem muito, se deu pelas OSCIPs (E02, 2017).

Ratificando o que foi mencionado pelo funcionário da Instituição, a Associação das Organizações de Microcrédito de Santa Catarina – AMCRED-SC surgiu em 2006, em decorrência de um movimento associativo no Estado. Movimento este que começou em 2014 e foi incentivado pela Agência de Fomento do Estado de Santa Catarina. A intenção era o fortalecimento de um trabalho em rede, bem como buscar representatividade Institucional

Segundo a AMCRED, o microcrédito produtivo e orientado, despontou no Estado de Santa Catarina no final dos anos 90, porém só foi consolidado na década subsequente por meio da implantação de ONG's que atuavam operando o microcrédito. Na sequência, essas organizações foram certificadas como OSCIPs por meio do Ministério da Justiça e passaram a integrar o Programa Nacional de Microcrédito Produtivo e Orientado (PNMPO) coordenado pelo Ministério do Trabalho e Emprego (AMCRED, 2017).

Vale ressaltar o intuito do Programa Nacional de Microcrédito Orientado – PNMPO que foi estabelecido a partir da Lei Federal nº 11.110, de 25 de abril de 2005 e possui como objetivos gerais:

- Incentivar a geração de trabalho renda entre os microempreendedores populares.
- Disponibilizar recursos para o microcrédito produtivo orientado.
- Oferecer apoio técnico às instituições de microcrédito produtivo orientado, com vistas ao fortalecimento institucional destas para a prestação de serviços aos empreendedores populares. (BRASIL, 2005)

Segundo o portal do Ministério do Trabalho, o microcrédito produtivo orientado é disponibilizado para atender tanto às necessidades de pessoas físicas como jurídicas, que possuem negócios de pequeno porte, valendo-se da metodologia fundamentada no relacionamento direto com os empreendedores no lugar em que é oferecida a atividade econômica (BRASIL, 2017).

No próprio Estado a gente percebe a diferença entre as OSCIPs, que tem objetivos distintos. Uma de combate à pobreza extrema, outra, enfim, em outros segmentos. A nossa é de orientação ao pequeno empreendedor, é um passo a mais além daquela do combate à pobreza, como algumas OSCIP têm. O nosso é um passo a mais, é a formalização desses pequenos empreendedores, é de criar um ambiente favorável para o crescimento, para que eles recebam orientação. Então, o mote da instituição, dessa OSCIP de microcrédito, a Credisol, é relacionada a orientação (E02, 2017).

Por fim, destaca-se que a OSCIP objeto deste estudo, conforme determina a Lei 16.474/2014, que instituiu o programa Microfinanças de Santa Catarina, adota o microcrédito produtivo e orientado, fazendo com que os pequenos empreendedores utilizem de forma eficiente os recursos por eles disponibilizados, com isso contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico.

Os entrevistados demonstraram que a instituição da Lei 9.790/99 regulamentou de maneira positiva as OSCIPs, bem como demais entidades do terceiro setor. Em relação às desvantagens relacionadas a qualificação, poucas foram mencionadas e segundo o consultor jurídico, são os mesmos dilemas enfrentados por outras qualificações jurídicas exigidas.

Demonstraram também que não existe uma intenção na qualificação de OSCIP, sendo um mero cumprimento legal e que a instituição não se encaixaria em outra designação. Enfatizam como ponto positivo, a visibilidade que Santa Catarina tem em relação às OSCIPs do Brasil, que mesmo não sendo regulada pelo Banco Central, recebem espaço para expor as experiências do microcrédito do Estado, bem como a parceria junto ao BADESC e SEBRAE divulgando o que vem a ser uma OSCIP e seus benefícios.

4.2 PERFIL DAS MULHERES

No que se refere ao perfil das entrevistadas, a idade mínima encontrada foi 23 anos e a máxima, 68 anos. Os ramos do comércio prevaleceram entre os empreendimentos das mulheres entrevistadas. Na região pesquisada há uma grande concentração de lojas e fabricação de roupas, o que justifica a presença de três entrevistadas neste ramo.

Tabela 1 - Perfil das entrevistadas

Nome	Idade	Cidade	Escolaridade	Ramo	Residentes no domicílio
E 03	68 anos	Criciúma	Médio Completo	Loja de roupas	2 (entrevistada e mãe)
E 04	54 anos	Criciúma	Fundamental Incompleto	Ateliê de costura	1 (entrevistada)
E 05	57 anos	Criciúma	Superior Completo	Loja de artesanato	2 (entrevistada e esposo)
E 06	47 anos	Criciúma	Fundamental Completo	Floricultura	2 (entrevistada e filha)
E 07	45 anos	Araranguá	Fundamental Incompleto	Ateliê de costura	2 (entrevistada e esposo)
E 08	35 anos	Araranguá	Superior Completo	Salgados Congelados	4 (entrevistada, esposo e dois filhos)
E 09	27 anos	Praia Grande	Médio Completo	Oficina auto elétrica	3 (entrevistada, esposo e um filho)
E 10	23 anos	Mampituba	Médio Completo	Loja de presentes e papelaria	3 (entrevistada, esposo e um filho)
E 11	65 anos	Araranguá	Fundamental Incompleto	Ateliê de costura	2 (entrevistada e esposo)

Fonte: Elaboração própria, 2017.

Na fala delas percebeu-se que as tomadoras de créditos que possuem ensino superior utilizaram expressões com o foco no conhecimento sobre gestão e nas preocupações em relação ao negócio em longo prazo. Em contrapartida, as que possuem um grau de instrução menor apresentaram expressões relacionadas com a utilização de máquinas e equipamentos. Quanto à conjuntura familiar, as entrevistadas E05, E07 e E11 moram com os respectivos esposos; duas destas encontram-se no segundo casamento. Já a mulher denominada como E04 é a única que mora sozinha; enquanto E01 reside com a mãe, e a E06 com a filha. As entrevistadas E08, E09 e E10 moram com esposos e filhos.

4.3 FINALIDADE DO CRÉDITO

Assim como na pesquisa de Cezar (2016), a oportunidade de ter maior convivência com os filhos foi um dos fatores que motivou as mulheres a abrirem o seu próprio negócio. Na pesquisa da autora, as entrevistadas optaram por realizar uma atividade que não tivesse tantos obstáculos quanto no mercado formal e que também pudessem aproximá-las do contexto em que vivem. Ou seja, não tinham pretensão de realizar

uma atividade que as desvinculasse do cuidado com os filhos. A independência financeira do marido também foi apontada pela autora como uma das motivações.

Eu tenho meus filhos que ainda são pequenos, daí eu passei 20 anos assim sem aproveitar sem entender o que era que eles estavam fazendo né, e trabalhando hoje aqui eu vivencio isso com eles, com meu esposo então dá um pouquinho de trabalho, dá! Porque montar um negócio não é simplesmente “aí eu vou montar e vou trabalhar e vai ser bom pra mim”, não, é bastante responsabilidade assim porque tem que cuidar de toda parte né desde a parte produção, financeiro, vendas e quando trabalhava na empresa, eu cuidava só da, só da produção, gerenciava o pessoal então, eu já sabia toda dificuldade que eu ia enfrentar né, foi isso assim, que mais me motivou assim foi ideia minha mãe de montar um negócio, então eu disse “não, vamo lá”, e depois a empresa fechou que eu fiquei desempregada né eu disse agora eu acho que surgiu a oportunidade de fazer isso assim (E08, 2017) [Grifo nosso].

Foi, foi um dos motivos assim, de eu ter parado um pouco, porque quando eu trabalhava nas empresas, eu não parava, eu tinha horário pra sair, mas eu não tinha horário pra voltar, daí as vezes eu tinha que sair pra fora, então eu não via, não via a hora que eles iam para o Colégio não via a hora que eles chegavam do colégio, eu não sabia o que eles faziam a tarde e hoje eu sei, sei onde eles estão, o que estão fazendo, meu esposo que ficava mais nessa parte, mas eu não sabia, **então acho foi um dos motivos assim que eu, foi gratificante assim, foi um dos pontos assim que eu sinto que tá bom pra mim assim,** sem contar a satisfação de ver o cliente satisfeito, de ver assim as pessoas elogiando o teu produto sabe [...] (E08, 2017) [Grifo nosso].

A entrevistada 10 tem uma filha de três anos, e antes de ter um negócio próprio trabalhou em um comércio da família e depois em um mercado. A mudança de emprego e a iniciativa para o início do empreendimento em grande parte foi influenciada pelo nascimento da criança.

Muito, **isso tudo me influenciou também quando eu trabalhava no mercado**, porque eu tava, quando eu trabalhava no pai era mais fácil pra mim, não era meu, mas era nosso, é da família, até quando ela andava no andador a gente organizava dentro da loja pra ficar um espaço que ela pudesse até andar no andador ali dentro da loja e quando eu saí de lá que eu fui trabalhar no mercado eu não podia, sabe, eu tive que pagar, tive que levar pra creche, coisa que ela ficou três anos, nunca levei pra creche, nunca foi cuidado por outra pessoa, só por mim, pelo meu marido, pela minha mãe, ai eu já tive que levar pra creche, tive que pagar uma pessoa, porque o horário de mercado é mais estendido né, tipo a creche fica até cinco e meia e eu trabalhava no mercado até as sete, então até fechar caixa eu saia de lá quase oito horas, até as oito horas ela tinha que ficar com outra pessoa, pagava outra pessoa pra cuidar, além de todo o transtorno da bebê que não era acostumada eu tinha muito gasto, ai eu comecei a colocar na balança, sabe, que aquilo ali não tava sendo bom pra mim nem pra ela, meu salário tava indo praticamente todo pra pagar outra pessoa e fora a incomodação né, que daí eu não podia, sabe, até a minha patroa ali do mercado disse: “se tu precisar de algumas vezes tu pode trazer ela pra cá”, mas a gente sabe como é uma criança né, eu trabalhando no mercado, no caixa e ia levar uma criança de três aninhos pro mercado comigo, então não dava, **tudo aquilo ali pesou, sabe, além da minha vontade, mas tem a minha filha e eu não ter com quem deixar e eu precisar trabalhar**, tudo aquilo pesou sim, tudo me influenciou pra abrir a loja e hoje em dia não, **hoje em dia eu trago ela pra cá, é meu, tudo é mais flexível, o horário é mais flexível**, tudo, tudo é melhor, tudo é muito bom, não, não mudaria nada, assim sabe, acho que tudo que me trouxe até aqui foi um aprendizado né? Eu precisei passar pra chegar até aqui sabendo que eu tô sabendo né, se de repente fosse tudo muito fácil, tudo de mão beijada a gente não daria valor né, precisei passar por isso pra dar valor no que eu tenho hoje, então hoje eu tô realizada, é pequeno, o

lugar é pequeno, mas devido à eu ter só cinco meses de loja e pelo lugar ser pequeno, eu to com um movimento muito bom, tá tudo muito bom, eu tô muito bem, tô muito feliz de tá aqui hoje, assim (E10, 2017) [Grifo nosso].

Uma das características percebidas na entrevistada E10 foi o sentimento de culpa por não ter a oportunidade de cuidar da filha. Para ela, além da situação financeira, o fato de deixar a criança com outras pessoas também era motivo de grande preocupação. Na visão dela, outras pessoas não cuidariam tão bem da filha quanto ela e a família.

A cidade em que a entrevistada E10 mora, possui 21 anos de fundação e 3.081 habitantes (IBGE, 2016). Nesse sentido, foi percebido por ela que na cidade não havia nada parecido com o que a loja dela oferece. A partir desta oportunidade de mercado, ela abriu o negócio. Notou-se também durante a entrevista a pró-atividade com que a E11 atendia as necessidades dos clientes. A entrevista foi realizada próximo ao feriado de finados, e flores e vasos não fazem parte dos produtos da loja, mas como muitas pessoas procuram por flores nessa época, a entrevistada começou a vender esses artigos e obteve muito êxito. Ela relatou que antes as pessoas tinham que ir a uma cidade próxima para comprar os produtos que ela vende, e que agora os clientes permanecem na cidade.

Já tô atrapalhando bastante lá sabe, porque o povo tá gostando daqui, de repente por eu ter variedade assim, **o povo tá ficando bastante aqui**, só se não tem mesmo sabe, se não tem, ah veio procurar alguma coisa específica e eu não tenho (E10, 2017) [Grifo nosso].

Cabe salientar, que não foi percebido em nenhuma das entrevistadas o desejo de ter uma grande empresa. A maioria delas não é dotada de ambição e acreditam que a situação está boa da maneira como vivem. Uma delas vende roupas com um preço muito abaixo do valor de lojas, mas ela não tem intenção de aumentar o preço, pois proporciona a outras mulheres o poder de compra, sendo esse o seu maior retorno.

o meu foco é atender as mulheres de classe econômica de uma renda mais ou menos que não tenha aquisição de compra de roupas caras e elas poder se arrumar divulgar minha marca, que elas

andam, se vestem muito bem, andem bem arrumadinhas, os filhos delas também e elas têm uma com aquisição de compra (E07, 2017) [Grifo nosso].

Corroborando com Cezar (2016), as mulheres entrevistadas iniciaram uma atividade econômica para poder conciliar a família com o ganho de uma renda, sendo assim, percebe-se que houve a extensão da esfera doméstica para a esfera do trabalho.

Santos (2007) cita as dificuldades de mensurar os impactos socioeconômicos do microcrédito, pois segundo ele, um complicador é a não distinção entre os custos da família e da empresa. Para o autor, a mistura entre o caixa da família e o caixa da firma possibilita que ambos concorram pelos mesmos recursos. O capital do empreendimento pode ser utilizado para suprir alguma necessidade da família, mas o inverso normalmente não ocorre. Nesse sentido está a complexidade em encontrar uma unidade socioeconômica a ser estudada. No Quadro 02 estão descritas as finalidades dos empréstimos tomados.

Quadro 2 - Finalidade do Crédito

	Finalidade
E03	[...] e eu tava precisando de capital de giro, comprar alguma coisinha para loja para, e aí eu fiz eu usei isso aí eu acho que eu tenho tinha duas lojas abertas, três alias, e eu usei três vezes a MEI, o crédito e eu acho uma benção né, pra poder pegar um dinheirinho sem pagar juros nenhum né e pagar em 6 vezes né, então isso me ajudou bastante, bastante mesmo. [...] eu comprei mercadoria pra vender aqui , eu trabalho com roupas né, então comprei tudo de roupas [Grifo nosso].
E04	[...] Em máquina, comprei as máquinas. Oh essas máquinas que tenho aqui oh, 1, 2, 3, 4 máquinas foi comprada com o dinheiro e talvez quando eu troco as máquinas, não tem? Quando tão muito velha, eu troco as máquinas. Mas agora graças a Deus assim oh, a gente hoje eu já tenho meu dinheiro, eu não preciso tanto da Credisol, não tem, que hoje eu já tenho, já posso comprar as máquinas e pagar com meu dinheiro do trabalho, então hoje tá mais tranqüilo, mas assim no começo que a Credisol me ajudou bastante, me ajudou. [...] porque através dali eu consegui comprar, as máquinas que eu

	<p>precisava, eu tendo as máquinas que eu precisava, eu tenho mais trabalho, entende, posso fazer mais coisa, então isso aí, quanto a mais ganho, melhor pra mim [Grifo nosso].</p>
E05	<p>Matéria prima pro biscuit, porque eu trabalhava com biscuit, várias vezes, chegava no final do ano e ia lá e daí eu fazia... eu parcelava até o final ano, no caso né, às vezes era 3 mil, parcelava em 10 vezes, chegava no final do ano já tinha terminado, daí ia lá no final do ano e ia lá e fazia de novo sabe, e foi assim várias vezes.[...] Foi também pra máquina também, eles me ajudaram. Também peguei um crédito não lembro de quanto mas se eu não me engano foi de 12 mil, quando eu comprei a máquina, porque a máquina é 100 mil né, aí precisava também e eles me deram, pra loja aqui, eu acho que peguei, não sei se foi 20 ou 30 que eu peguei aqui pra abrir a loja, foi o último que eu fiz, tudo pra cá, nada particular, sempre pensando no trabalho. [...] pra época que eu precisei sim, com certeza, me ajudou bastante, se eu não tivesse aquilo naquele exato momento eu não teria feito, né, porque vamos dizer assim, eu tinha um X, mas eu precisava de um X vezes 2, e eu não tinha, então logicamente foi muito bom, me ajudou muito[Grifo nosso].</p>
E06	<p>Foi pra investir na loja, aí eu peguei um pouco assim pra capital de giro, aí peguei um pouco pra pagar um pouco de contas que eu tinha comprado coisas pra loja, porque quando eu peguei não tinha quase nada de mercadoria dentro da loja, eu fui colocando devagarzinho né, me ajeitando, ia saindo e repondo, sempre fiz assim. [...] Sempre para investir na loja, sempre pra investir aqui, vaso (de flores), ar condicionado, como eu te falei, isso eu comprei com o crédito deles, a câmara fria eu fiz com o crédito deles, sempre com o crédito da Credisol. [...] Quando eu tinha a floricultura lá em cima, eu tinha um freezer, aqui eu já tenho uma câmara fria, foi tudo investimento da Credisol, ar-condicionado da Credisol, essa manta que eu tenho aqui hoje, Credisol... Então assim, mercadorias que eu comprei, que eu investi, tudo com ajuda da Credisol, eu nunca tirei empréstimo em outro banco, sempre foi com a Credisol, até porque os juros dos banco é um</p>

	<p>absurdo, e eles têm os juros mais acessíveis, e a gente sempre procura um lugar onde é mais facilitado pra gente pagar também né, porque eles dividem em 8, 12, 18 acho que até mais, eu nunca peguei acima disso né, mas acho que tem crédito até mais que isso [Grifo nosso].</p>
E07	<p>Foi pra comprar a minha primeira máquina, era uma 3 fios sequinha. E ela custou... Na época era carinho, porque era outro valor em moeda. Era em URV, eu paguei em 6 parcelas de 100 URV, certo? Então daí eu tava bem “aí não vou conseguir”, mas era o meu começo eu consegui, paguei tranquilo e de lá para cá eu já fiz várias empréstimos para gerar capital, para comprar carro, para viagem, para tudo [Grifo nosso].</p>
E08	<p>Eu usei tudo na estrutura, assim, de máquinas a gente fez um forno a lenha que eu usava forno a gás, forno a lenha, e era bastante consumo a gás, daí meu irmão deu a ideia, “ah vamos fazer um forno a lenha” vamos melhorar isso e foi muito bom assim a gente hoje usa o forno a lenha, o resultado tá sendo ótimo assim, desde economia, de tudo né, e até com o produto, produto fica melhor né. E também ajudou nós na parte agora a gente tá com esse novo que a gente fez agora, a gente vai inserir os valores nutricionais no produto, a gente vai colocar uma nutricionista, porque antes a gente vendia mais assim pros amigos, alguns comércios, mas nada assim, botar, colocar no mercado, tentar vender para fora assim, a gente não fazia porque a gente não tinha no produto nosso né então agora a gente tá fazendo esse investimento, esse segundo (empréstimo) que a gente fez foi pra isso assim, pra nutricionista né, e código de barras, impressora, computadores toda essa parte que a gente precisa assim e pra ajudar também na parte financeira encontramos um software que a gente precisa porque hoje manual é muito difícil, isso vai ajudar bastante assim no processo. A gente comprou os freezers, a gente investiu mais uma mesa em... acho que foi isso assim, a gente pagou o restante que a gente tinha do forno que a gente conseguir diminuir o juros do que a gente tinha um pouquinho né de juros na parcela a gente pagou conseguiu já</p>

	tirar aquele juros, foi isso investimento em máquinas assim, equipamentos [Grifo nosso].
E09	Eu peguei o primeiro 3 mil, daí eu terminei de pagar aquele 3 mil, aquele 3 mil eu peguei pra investir em peça , foi o que a gente fez, os 3 mil a gente investiu em peça. Daí não tinha juros, aí depois eu ia pegar os outros 3 mil, mas eu decidi pegar os 20 pra poder construir, aí eu não peguei os outros 3 se não eu ia me apertar se eu pegasse, 2 parcelas... Daí eu peguei o 20 mil pra construir [Grifo nosso].
E10	Em mercadorias , exatamente. Eu já tinha pegado um dinheiro com ela pra casa assim, sabe, lá pra casa assim, já tinha pegado um crédito, mas para o empreendimento pra loja foi agora, faz três meses [Grifo nosso].
E11	Máquinas . Na época eu comprei 4, depois a partir daquela lá foi aumentando né, que sempre que estraga uma, tu tem que repor outra melhor né... Então teve época que eu confeccionei para mim também, eu tive comprar máquina de cortar, eu tive várias coisas, tinha máquina de casear, hoje não tem mais, mas eu já tive né.. Então aí a gente cada uma que eu precisaria terminar de pagar alguma coisa ia lá e fazia outra né, eu fiz até pra reformar a minha fábrica que eu também tinha na outra casa que eu morei lá pra reformar a fábrica também eu fiz empréstimo com eles, é muito legal [Grifo nosso].

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

A maioria das entrevistadas buscou o crédito para a compra de equipamentos e para capital de giro; notou-se a preocupação que elas têm com a finalidade do dinheiro ser destinada exatamente para o que tomaram.

4.4 – PERCEPÇÃO DAS TOMADORAS EM RELAÇÃO AO DESENVOLVIMENTO LOCAL

No que tange ao desenvolvimento local, vale destacar a percepção que as entrevistadas possuem sobre o que é confeccionado na região. As E08 e E10 apontaram que ao comprar na região elas têm a possibilidade

de auxiliar o comércio local e fazer com que estes comerciantes também sejam seus clientes.

Quadro 3 - Percepções das Tomadoras em relação ao Desenvolvimento Local

	Desenvolvimento Local
E03	[...] Não uso salão de beleza para economizar, eu faço só uma unha de pé uma vez ou outra mas é no salão que é onde eu moro mesmo aqui no centro , e cabeleireiro não uso... [...] Na região, sempre região, sempre mais perto da gente [Grifo nosso].
E04	Não gosto, não, quando tem que comprar alguma coisa pra mim eu vou no centro (a entrevistada mora no bairro centro, mas utilizou a palavra se referindo ao comércio), mas eu não gosto de ir pra shopping, não gosto de ir no cinema, não gosto de sair de casa, se tem uma coisa que me deixa feliz, é eu chegar em casa numa sexta feira, e minha casa estar limpinha, minha cama bem limpinha, eu tomar um banho e deitar e ver o que eu quero na televisão, isso daí me deixa, nossa muito feliz, daí assim, tenho, graças a Deus, assim hoje, por causa de muito problema de coluna, mas eu pago uma guria toda semana pra limpar minha casa, não faço nada, pago pra passar minha roupa, eu acho que eu preciso mais do que isso. Não né, pra mim, eu nem imaginava que eu ia ter uma vida tão boa como eu to tendo , só tenho a agradecer a Deus, e a Credisol, me ajudou muito no começo. M- Que mercado que a senhora vai? E- Eu vou no x,y,x.. Onde eu tiver perto eu vou . M- E quando tem salão de beleza a senhora vai aqui perto? E- Vou aqui perto. M- Aqui pertinho, mas no centro? E- Aqui do lado. M- Aqui do lado? E- É. M- A senhora costuma frequentar salão? E- Toda sexta. M- Toda sexta a senhora faz?.. E- Toda sexta faço a unha [Grifo nosso].
E05	[...] De repente se a gente tem algum amigo que faz alguma coisa assim a gente dá prioridade pra eles, mas é tudo aqui, não peço nada fora não, longe... Tudo o que tiver mais perto da gente é melhor . [...] Se o custo for mais baixo com certeza aqui, agora se eu achar que o custo de fora é mais barato e vale mais a pena trazer um de fora pra cá pra consertar e o preço não é uma diferença grande, contrato de fora com certeza. Mas primeiro a gente vê aqui né, primeiro vê os próximos da gente pra

	depois ir pra fora pra pesquisar , hoje em dia a gente tem internet né, e gente pesquisa rapidinho, né [Grifo nosso].
E06	Eu sempre pego o pessoal aqui de perto , quando eu preciso fazer o cabelo, cortar o cabelo alguma coisa assim, eu sempre vou aqui na menina que compra aqui comigo, eu sempre procuro pessoas que já tem parceria . Vou lá e já faço o meu lá com ela. Sempre procuro assim, o pessoal que faz as entregas pra mim, que às vezes eu não consigo fazer, de carro por exemplo, eles também compram aqui comigo, então acho que a gente tem que ter uma parceira né, assim que eu procuro fazer, sempre procuro procurar uma pessoal mais daqui, até pra incentivar as pessoas daqui né , tem um senhorzinho que faz cestas também, lá perto da minha mãe, de vez em quando eu compro umas cestas dele, outro no Caravaggio (bairro de uma cidade próxima), e eu pego um pouco de cada um, até pra facilitar pra eles né [Grifo nosso].
E07	Eu tenho meu representante que é do Sombrio (cidade próxima), de linha. As etiquetinha eu faço na loja xxx (loja da cidade). Pesquise o melhor preço, menor valor mas a que eu gosto de ir porque tem a fulana que eu adoro ela sempre conversamos. Muito legal, já sou cliente delas há bastante tempo. [...] eu tenho aqui fornecedores a preço bem bom. [...] a menina ela faz a minha sobancelha aqui. Gosto muito de creme, eu tenho um fornecedor que é o beltrano daí ele vende Natura e gosto muito, né... [Grifo nosso].
E08	Ah, eu procuro sempre daqui assim, e é mais acessível, acho que ajuda também né nosso município, nossa cidade a crescer , né, porque se a gente também ficar só indo pra fora é como a gente né, às vezes vem uma ambulante vender alguma coisa na frente antes eu não comprava assim, ai um doce alguma coisa, daí hoje eu penso que poderia ser eu lá vendendo então eu vou lá comprar, mesmo que seja um pouquinho mas eu vou comprar assim, porque a gente também vende assim, e é gostoso é gratificante, né, eu acho que a gente tem que eu acho que dar valor mais pro que é nosso assim, de onde a gente vem, a nossa origem, onde a gente trabalha, porque querendo ou não é daqui também que vem o retorno da gente né nada mais justo do que ajudar a crescer também . Eu compro mais daqui, se for pra eu comprar de fora tem que ter uma diferença

	<p>assim, bem significante assim sabe, tem que fazer a diferença se não eu prefiro comprar eu sempre procurei comprar mais daqui, quando eu compro fora é pelo preço, pelo retorno que isso vai me trazer assim, mas é bem difícil, bem difícil mesmo, máquinas essas coisas, tem alguma coisa que a gente comprou em outro lugar mas a grande maioria foi daqui porque daí também a gente negocia a gente conversa “ah, vai lá em tal lugar” mas a gente tinha vontade de comprar aqui então é bom também ter essa troca de informação também né [Grifo nosso].</p>
E09	<p>Normalmente é daqui mesmo, só se eu quero algum tênis ou alguma coisa que não tem aqui daí eu compro na internet, eu compro mas é raro. Eu gosto de comprar e já ter o produto na minha mão, eu não gosto de ficar esperando, quando eu compro eu fico muito ansiosa, fico todo dia olhando pra ver se já está chegando, mas normalmente é aqui, até serviço essas coisas, é tudo aqui. [...] Se eles nos ajudam a gente ajuda também né, a gente tem bastante cliente aqui, então a gente procura fazer com os nossos clientes também, comprar deles também, por serem nossos clientes assim [Grifo nosso].</p>
E10	<p>Não, o que eu pretendo, o que eu posso, o que eu quero, se tem aqui, eu pretendo fazer tudo aqui, tipo farmácia, roupa, o que tem eu compro aqui. Só não compro no mercado porque acho muito caro, daí eu não compro, mas o que tem aqui que eu acho que é acessível, que é bom e porque não tem variedade também, mas sempre compro aqui, porque eu quero que eles venham comprar aqui, então eu quero crescer né, eu sempre digo que eu não vim pra quebrar, vim pra crescer, pretendo crescer, então eu tento ajudar os outros [...] É, eu vou aqui. O que realmente eu vou é em uma loja de roupa, na farmácia, lancheria, salão de beleza não muito, porque já era acostumada com o da Praia Grande, sabe, e daí aqui é o que eu sempre falo, aqui Mampituba só não cresceu mais porque faltam pessoas interessadas, as vezes se tem tipo, treze comércios aqui, chega às oito horas da manhã que é o horário de todo mundo abrir, tem seis abertos, sabe, aí fecha no meio da tarde, não tem compromisso, sabe, os que têm compromisso, que estão com a porta aberta é os que estão melhorzinhos hoje, sabe, os que estão mais pra trás é porque realmente não tem compromisso, não sei o que passa na cabeça deles [Grifo nosso].</p>

E11	Ah, o que falta no dia-a-dia, um pão, um leite, frutas que às vezes falta durante a semana e, materiais para dentro de casa, coisas para dentro de casa porque agora to reformando a minha casa então tô comprando tudo aqui próximo, aqui né. [...] Tem comércinho, como se diz armazém de “secos e molhados” né, mas negócio de loja já é lá, tudo no centro [Grifo nosso].
-----	--

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

No que se refere ao microcrédito e desenvolvimento local, o sistema das microfinanças pode ser uma alternativa para possibilitar a criação de emprego e produzir renda para pessoas que não têm acesso a outro método de adquirir um empréstimo (LIMA, CARVALHO; VIDAL, 2008).

Para Lima, Carvalho e Vidal (2008), o microcrédito não busca contribuir apenas para o desenvolvimento local, mas para o desenvolvimento de todo o país. Para os autores, isso é possível na medida em que ele reduz a pobreza e proporciona melhores condições de vida às famílias.

4.5 PERCEPÇÕES DAS TOMADORAS DE MICROCRÉDITO SOB O ÂMBITO PESSOAL

Nesta seção apresentam-se as características emergidas do campo em relação as tomadoras de microcrédito. Os aspectos que se destacaram, conforme entrevistas, têm relação com as dificuldades enfrentadas para o início do negócio, o empoderamento de mulheres percebido por elas e as barreiras nas relações familiares.

Para Mayoux (2001), a participação das mulheres em grupos nos programas de microfinanças funciona como um meio-chave para aumentar a sustentabilidade financeira, ao mesmo tempo que as empodera. A principal conclusão para a autora é que os programas de microfinanças criam capital social e podem, efetivamente, fazer uma contribuição significativa para o empoderamento das mulheres.

Foi percebida durante as entrevistas da presente pesquisa, a relação de confiança que as tomadoras de microcrédito têm para com a instituição. O tratamento realizado pelos funcionários, e o papel do agente de crédito como elo entre a instituição e a pessoa que toma o crédito foram perceptíveis.

“De vez em quando eles me convidam pra um evento também, já me conhecem, sabem como é o

meu trabalho, **estão sempre aqui**, eu acho bem bacana, uma **parceria bem legal**, e eu sei que na hora que eu precisar, se eu for lá eles não vão me dizer não (E05, 2017)” [Grifo nosso].

[...] Questiono bastante, converso com ela (agente de crédito) se tem algum curso que ela possa ajudar a gente, e ela também comenta o que a gente pode melhorar, eu acho bem interessante, e essas visitas que ela faz, ela conversa, te pergunta o que vai fazer... **faz com que a gente faça o que realmente a gente falou que ia fazer, porque sabe que eles vão vim, vão querer analisar junto com a gente o resultado que aquilo trouxe**, então acho isso muito bom assim, bem melhor que se fosse simplesmente lá no banco pegasse um empréstimo investisse no que queria assim sabe e as vezes não é o que é importante né, e ela incentiva assim bastante a gente assim quando eu falei da nutricionista ela apoiou a todo momento e “vamos fazer, vou te ajudar ali pra sair o mais rápido possível”, quando saia ela já avisava assim, foi bem bacana assim essa parte dela assim a gente gostou bastante (E08, 2017) [Grifo nosso].

Ah eu acho bem importante assim, é bom, até a troca de informação assim pra ti ter um entendimento assim porque a gente aprende também né com uma troca de ideias as vezes ela (agente de crédito) dá uma sugestão a gente né “ah vamos analisar” e acaba fazendo alguma coisa que foi dado de ideias assim, então eu gosto bastante do contato dela assim ela ajudou bastante assim a gente, ajuda ainda né, **porque se a gente tem alguma dificuldade alguma coisa eu só falo com ela e ela me ajuda então eu acho bem interessante acho que se eu tivesse que ir lá e ter só uma pessoa engessada lá fazendo aquele trabalho não seria assim tão, tão bom assim de ter o contato com a pessoa né é bem mais prático** (E08, 2017) [Grifo nosso].

O fato do microcrédito produtivo ser orientado é uma das vantagens em relação a um banco tradicional. Segundo a entrevistada 08, se não houvesse essa orientação, o dinheiro poderia ser destinado para outras finalidades.

É bem rápido assim, isso é bem importante pra gente que tá iniciando porque tu não tem tempo pra ti esperar, tu tem ideia e se tu não botar em prática aquilo ali vai se apagando né, pra gente que ta iniciando agora por isso que é bom um, retorno rápido né (E08, 2017).

Um outro ponto positivo a ser destacado é a agilidade com que o crédito é concedido, o fato de não ter que ficar esperando muito tempo pela liberação do dinheiro foi salientado na fala das entrevistadas.

Foi muito bom, ainda tá sendo né, a gente ainda tá colhendo frutos né, do empréstimo que a gente fez, da ajuda assim né que a gente teve, então eu penso que foi bem positivo assim tem bastante retorno, desde a organização, tudo assim, tudo tu precisa de uma ajuda, não consegue se manter sozinha assim, se tu tens um capital de giro que seja bom, aí tu consegue né. Mas a gente quando monta um negócio assim, é muito difícil, tu ter um capital de giro de início já, então quando tu tens, **assim que tu começa e tu tem uma ajuda assim como a gente teve sem juro, e uma parcela que é fácil, acessível da gente pagar, ajuda muito assim, é bastante positivo assim o retorno** (E08, 2017) [Grifo nosso].

Apesar do valor concedido não ser muito alto, para elas tem uma representatividade bastante positiva. Corroborando com essa idéia, Geraldo (2004) afirma que embora pequeno o crédito, para essas mulheres significa muito. De acordo com Lima, Carvalho e Vidal (2008) na visão das pessoas que têm acesso ao sistema tradicional financeiro o crédito pode ser considerado baixo, mas para quem recebe é justamente ao contrário. O valor pode significar uma considerável diferença na vida de quem é beneficiado por ele.

Há muitas pessoas boas que te ajudam a ir para frente e eu tive essas pessoas no meu caminho e agradeço muito por causa que senão eu não teria conseguido o que eu tenho hoje, é pouco não é muito, **mas para mim é tudo** (E 07, 2017) [Grifo nosso].

Quando eu me aperto eu vou pra Credisol, pego um empréstimo, daqui a pouco dá uma melhorada e eu pago o que eu peguei (E06, 2017) [Grifo nosso].

Porque num banco eu não tinha conta em outro banco, a partir do momento que eu precisei, até fui no XXX abrir uma conta, mas pra “mim” pegar um dinheiro, que eu queria rápido pra investir aqui, **eu teria que abrir uma conta, levaria 30 dias, pra depois eles aprovar, né, teria toda aquela burocracia, na Credisol não, é bem rápido, ai eu achei muito bom e muito fácil, foi isso que me atraiu**, a facilidade[...] Muito, muita vantagem, muito bom, muito bom, e a facilidade e a praticidade e a rapidez, assim sabe, de ser bem rápido, assim, que não tem toda, tem aquela burocracia do cadastro, mas eu nem preciso ir até lá, sabe, ela vem até mim, pega os meus documentos, escaneia ali no tablet dela tudo, não preciso fazer nada e é isso, eu acho muito bom, muito bom mesmo, a Credisol é muito bom (E10) [Grifo nosso].

O apoio técnico relatado pelos gestores se confirmou na fala das entrevistadas. Percebeu-se que a maioria entende a importância de distinguir as despesas da família e da empresa, e isso muito se deve ao apoio da instituição.

O importante do Credisol é que **eles apóiam realmente o pequeno empreendedor no meu tempo teve palestra do SEBRAE formando**, ensinando no curso foi 2 dias, como se fazia contabilidade e o movimento de caixa, como calcular o valor e o entusiasmo assim pra tu poder ter uma força para tu continuar (E07, 2017) [Grifo nosso].

Eu já fiz um curso que foi eles que trouxeram... Esqueci o nome do.. SEBRAE, fiz esse curso que foi bem importante pra gente aprender, porque assim, esse negócio de eu estar quase extrapolando o limite, ele explicou bastante, sobre isso que é muito importante a gente estar ligado nisso também, né... (E09, 2017) [Grifo nosso].

Corroborando com a pesquisa de Moreira (2016), foi percebido que a partir do aumento na renda, as tomadoras tiveram que se adequar a gestão porque precisaram lidar com clientes, assim como com os fornecedores.

O tratamento humanizado da instituição com essas pessoas foi outro fator determinante para que elas se sintam bem.

Sim, transformou a minha vida. Tudo que eu tenho foi baseado em cima disso. Foi baseado no primeiro passo que eu dei de fazer meu primeiro financiamento com a Credisol, porque eles têm um jeito de trabalhar. Que é real, tá? Para a pessoa mesmo que quer empreender, para a pessoa que quer abrir o seu trabalho e eles dão incentivos. **Não é igual chegar lá no banco, eu já digo “almofadinhas” nojento o gerente bem arrogante te olhar com a maior desrespeito porque ele não te atendem bem.** (E07, 2017) [Grifo nosso].

É gratificante, né... Bom! Legal! Porque as pessoas podem contar com aquilo ali, porque na **verdade a Credisol é um banco do pequeno...** As pessoas, pequenos comerciantes, pequenos profissionais porquê de lá de pequeninho sabendo administrar vai chegando lá em cima, que **nesses bancos “grandes” hoje não dá mais, não tem mais como.** E com eles, eles é para isso né.. **Eles formaram pra isso para pequenos empreendedores pra começar a vida né.** Então para mim é, pra mim, várias as pessoas que conheço por aqui todos com a Credisol chegaram em algum lugar (E11, 2017) [Grifo nosso].

Sim, 70%, eu acredito que tem essa parcela, porque não adianta eu ter a minha mão de obra, e eu não ter vaso (para flores) dentro da loja, eu não ter um ar condicionado pro cliente chegar aqui sentar, porque nós estaríamos aqui no calorão, até a durabilidade das plantas, lá também os armazenamentos das plantas, das flor de corte, **foi tudo isso que eu fiz por causa da Credisol, então é, são coisas que eles que me ajudaram, com o crédito deles** (E06, 2017) [Grifo nosso].

Algumas das entrevistadas tiveram problemas que transcendem as barreiras do econômico, muitas relataram problemas de saúde que tiveram ou envolvendo a família, e o negócio que possuem como alternativa para subsidiar estes gastos.

[...] na hora que eu me aperto eu corro lá (Credisol). Daí eu tive muitos problemas, eu tive problema com o meu marido de amputação de perna, de exames, ficou cego de uma vista, eu tive gastos conciliados com a loja, quando eu abri a loja, que tinha fazer, e daí o dinheiro que eu tinha investido e guardado gastei bem dizer na cirurgia dele, na prótese dele, então, daí eu tive que apelar de novo pra eles. Mas foi bacana, né. Quando a gente paga certinho, não tem o porquê deles negarem (E06, 2017) [Grifo nosso].

Também neste sentido, outros fatores foram percebidos como precursores de uma maior ascensão destas mulheres. A entrevistada E11 relatou que teve um problema com um companheiro e este a deixou com muitas dívidas.

Adquiri muita coisa, mas uma dívida do relacionamento que tive com outra pessoa que me detonou, fui uma idiota (risos) liberei tudo na mão dele. Ficamos 7 anos juntos, ele só queria carro zero do ano, só queria carro novo, só queria mordomia, e quando eu abri meu olho já tava ferrada inclusive ele também nós dois abrimos microempresa juntos né, daí no caso eu abri no meu nome mas como nós convivíamos ele conseguiu ter crédito com a Credisol ele fez empréstimo na Credisol, ele fez também várias empréstimos. Inclusive esse empréstimo que eu assumi e paguei agora a pouco tempo era dele, entendeu? Era dele que meus filhos eram avalistas então daí meus filhos cobravam de mim eu fui lá e renegociei com o fulano, com o cicrano, e eles passaram tudo pro meu nome e eu paguei essa dívida, era conta dele só que eu queria pagar limpar o nome dos meus, dos meus avais e dos meus filhos também que era avais dele, então eu disse: - Não, eu assumo e vou pagar! E paguei, tranquila, chorei muitos dias mas paguei e agradeço a Deus por ter pagado, se tivesse

que fazer, hoje eu fazia tudo de novo (E 11, 2017) [Grifo nosso].

Faz 4 anos depois que eu vim pra cá, 4 anos fez agora em outubro que eu comecei, recomecei a minha vida de novo. Recomecei como se fosse do zero, do zero [...] **Se é um outro banco, outra coisa, não tava nem aí...** “que se ferre” eles querem receber e pronto. E eles não, eles negociaram comigo (E11, 2017) [Grifo nosso].

Quando questionadas se o crédito possibilitou algum tipo de transformação na visão delas, algumas entrevistadas disseram que foi perceptível a mudança.

E depois **ali no Credisol eu já me sinto em casa**, eu vou lá, eu negocio, eu acerto, eu pago adiantado, eu ganho desconto. Se eu atraso alguma coisa, como já aconteceu, alguma notinha, eu vou lá e negocio, daí eles já me conhecem e já me sinto em casa. **Sabe, é um lugar tu já chega e já é bem-vinda e tu já chega com o pé no chão, confiante no que tu vai fazer.** E eles não são assim de enrolar, não, tu já vai tu já tem teu “currículo” (referindo-se a histórico) tu já tem tua passagem. Muitos eu já mandei lá para fazer também com eles e tal, e isso é bacana (E07, 2017) [Grifo nosso].

Com certeza, **porque se a gente não tivesse crédito a gente não ia construir**, a gente ia continuar pagando aluguel, e a gente já vai fazer 2 anos que a gente paga aluguel, então vai fechar 2 anos e vai ser 24 mil de aluguel, que foram fora, jogados fora (risos). E assim a gente já pegando tudo junto esses 20 mil. **Com certeza se a gente não pegasse, a gente não iria nunca construir, porque nunca ia conseguir juntar esse dinheiro pra começar a construir (construção do local da oficina auto elétrica)** (E09, 2017) [Grifo nosso].

Modificou bastante, bastante... **Porque se não eu estaria com uma maquinazinha, duas só, modificou bastante...** Então é como eu te falei eu acho que fazer/trabalhar naquilo que você gosta naquela profissão que você ama, tudo é gratificante (E11, 2017) [Grifo nosso].

Ao ser questionada se já havia enfrentado alguma situação diferente por ser mulher e ao criar um negócio e nas relações cotidianas do trabalho, a entrevistada E04 expôs dois casos em que se sentiu subestimada. Primeiro na compra de um carro, e depois quando vai a oficinas mecânicas.

Tipo numa compra de carro, eu acho que a mulher é muito prejudicada, **porque eles acham que a mulher não entende**, e eu me sinto muito mal quando vou fazer esse tipo de coisa aí... Ou levar o carro numa oficina, ou alguma coisa que eles querem empurrar alguma coisa, eles pensam que a gente não sabe o que que é, a gente sabe o que é, e eles dizem que não, eu fico indignada com isso, única coisa que eu fico indignada é com esse tipo de coisa aí, que eles dizem que mulher não entende, é burra, é isso, é aquilo, mas tem homem muito mais burro do que mulher (E04) [Grifo nosso].

[...] Ah eu me sinto, como é que vou te dizer, a questão de, **subestimar tua inteligência**, não tem? Porque eles tão te chamando de burra, claro tem umas que não entende mesmo, eu fico louca com isso, nossa gurria, viro um bicho, eu também já saio, já mando pro inferno na hora, não tenho papas na língua não. Nossa!! Eu fico louca! Teve um cara agora que veio vender um carro pra mim, que eu troquei meu carro agora esse ano, e o cara queria me, o cara fez um negócio de 24 mil e na hora pra assinar os documentos tava 28 mil [...] (E04, 2017) [Grifo nosso].

Esses dias um menino bateu no nosso carro né, daí eu disse pra um amigo meu: “tu pega e leva na oficina pra mim”, porque negociar com homem é uma coisa, e negociar com mulher é outra. [...] **Às vezes tu encontra dificuldade sim por a gente ser mulher, eu não dou muita confiança né, nem ligo**, quando eu tenho que falar as coisas eu falo, quando eu tenho que criticar eu critico, se eu tenho que elogiar eu também elogio. Mas tem certas coisas que não adianta, parece que eles acham que homem é diferente, entendeu, eu acho assim que parece que indo homem lá na oficina, é uma situação, e indo nós é outra, a gente mulher (E06, 2017) [Grifo nosso].

A entrevistada 06 relatou que precisou recorrer a ajuda masculina para ir até uma oficina mecânica, pois se ela mesma fosse o tratamento não seria o mesmo.

Ressalta-se que duas das entrevistadas já participaram de vídeos institucionais, e manifestaram um sentimento de autoestima em relação a isso. A entrevistada 05 relatou que após a sua participação e divulgação do vídeo, viu a necessidade da abertura de uma página no *Facebook* e que essas formas de mídia trazem retorno para o negócio.

Sim, deu bastante, eu acho que o dia que a gente fez eu nem vi, **mas teve, teve um retorno bem bom**, eu também participei em Florianópolis com a Credisol, eu ganhei um presente do SEBRAE, também por ser mulher empreendedora [...] **Foi legal, depois daqui, eu abri uma página, que eu não tinha né**, e agora eu abri a loja virtual, então tudo ajuda né, mas foi bem legal, claro que teve mais procura do que antes, quanto mais tu compartilha aquilo lá mais pessoas vão vendo né (E05, 2017) [Grifo nosso].

A entrevistada 11 demonstrou um sentimento de gratidão em relação à instituição de microcrédito por ter sido uma das escolhidas.

Foi muito gratificante, muito maravilhoso. Nossa!! Foi bem legal mesmo, outro dia a minha filha tava passeando em Forquilha (cidade próxima a cidade da entrevistada), passeando não, a negócios [...] Então o menino dela disse assim: (num ônibus tava uma foto minha e da minha nora) diz ele assim: não é a vó que tá lá naquela foto? O menino disse assim: - Ahhh é a vó sim, é a vó que tá naquela placa do ônibus, é a foto da vó e da dinda (risos) muito querida vê as meninas, elas filmaram lá dentro da fábrica nós trabalhando tudo, muito legal, foi muito participativo mesmo. **Ah eu senti bem né porque, “como diz o outro”, hoje os “grandão” também saber dos pequenos, sabem poucas coisas dos pequenos...** E eles lembraram de mim, sabendo da situação que eu tava que naquela época eu tava complicada mesmo a minha situação e eles vieram me dar essa força e me ajudar para poder participar daquilo ali então, a história, a minha história eles acharam, eles

escolheram fazer a história da dona xxx vamos lá que ela vai contar história dela porque sabiam da minha situação e foi gratificante, foi legal mesmo, amei a participar deles.

Ah eles comentavam (vizinhos), eles chegavam e diziam: “ - Ah tu não é aquela do comercial do Credisol? – Ahh, sou eu sim! – Por que? - Ah porque eu já te vi e tal, Facebook né”, bem legal (E11, 2017) [Grifo nosso].

Assim como muitas mulheres, a entrevistada 07 também criou o filho sozinha, ela relatou que o companheiro não a apoiava em sua carreira. Mencionou também que durante algum tempo tentou manter o relacionamento e se esforçou para que este continuasse.

Era bem difícil porque naquele tempo não tinha creche, eu morava lá no lagoão (bairro) daí não morava aqui ainda. Daí eu e o pai dele nunca nos “damos” né... **Foi uma vida bem sofrida** assim, bem, porque não adianta tu conviver com uma pessoa que tu não se dá bem, uma das coisas é tu querer crescer e ele não querer que tu cresça, te sufocar e daí eu queria e eu ajudei ele a crescer [...] **Aguntei muito tempo com ele [...] Deixei tudo para ele, não quis nada, eu só saí com a roupa do corpo o meu filho** (E07, 2017) [Grifo nosso]. Daí também me influenciou muito como mulher também por causa que tu vai trabalhar num lugar “ahh não, não preciso mais” porque a mulher ela tem filho pequeno pra cuidar, “ahh porque não tem assim disposição horário disponível para fazer serão” essas coisas toda ou quando não tem creche tem que ficar com o filho. Então não tem quem cuide né, então isso também é discriminação. Porque a mulher eles têm que entender que a mulher tem direito a amamentar, tem filho pequeno sim para criar, **é uma carga mais por causa que ela tem que trabalhar cuidar da casa e cuidar do filho**. E muitas vezes ela não é casada, como muitas estão aí solteiras. **E ela é dupla jornada, as vezes até mais, e é cansativo. E isso também me motivou muito a entrar nessa área**, eu ainda quero crescer mais, eu quero ver as mulheres mais felizes bem arrumadas, e eu quero ver ela cheguem

aqui, como eles chegam. Precisa ver o sorriso delas. (E07, 2017) [Grifo nosso].

A flexibilidade de horários foi um apontamento comum entre algumas das entrevistadas. Isso porque, para elas poder participar da criação dos filhos é um fator de grande importância em suas vidas:

É, eu trabalhei na xxx (fábrica de roupas) 10 anos, eu tinha carteira assinada e tudo, e eu saí, 10 anos que eu fiquei lá, depois eu saí, eu peguei na xxx (malharia) e fiquei mais 2 lá perto de casa, **daí eu tive a minha menina, daí eu parei, daí eu não voltei mais pra lá**, aí eu saí, aí fiquei meio período com uma senhora que trabalhava com costura, porque eu era costureira na época, nada a ver com o que eu sou hoje, eu era costureira, e trabalhava meio período, aí depois a situação começou a ficar complicada, eu acabei me separando, aí eu comecei a fazer faxina, aí eu morava lá com a mãe, e fazia faxina, e foi a onde eu comecei a trabalhar naquela floricultura, eu fazia faxina ali pertinho, eu passava sempre na frente, aí eu comecei a ajudar, ela ali a trabalhar na floricultura, onde elas me ofereceram a oportunidade de pegar a floricultura, **e foi na cara e na coragem né, porque meio que a gente não tinha noção né** (E06, 2017) [Grifo nosso].

Uma das entrevistadas relatou sobre a facilidade de poder buscar a filha na escola mais cedo e também ficar com a filha em casa quando necessário.

[...] **se eu quiser buscar mais cedo eu posso buscar, antes não era assim**, antes eu tinha que pedir permissão pro meu patrão, sempre no mesmo horário, **tipo quando eu quiser ficar com ela em casa eu posso**, tipo hoje, quando começou a chover quase que eu fico com ela em casa de manhã, porque ela foi agora lá pra dinda, mas acontece muito assim de eu ficar um meio turno com ela em casa, acontece (E09, 2017) [Grifo nosso].

Para Moreira (2016), as microfinanças são relevantes porque contribuem para a equidade de gênero, promovem o empoderamento e diminuem a pobreza. Na pesquisa realizada pela autora com mulheres

tomadoras de microcrédito, as características encontradas tangem à autonomia, ao entendimento de que elas possuem a habilidade de conduzir o próprio negócio bem como suas vidas, ao progresso no nível de educação e ao empoderamento.

A igualdade de oportunidades e o empoderamento das mulheres são reconhecidos como parte integrante e inseparável de qualquer estratégia sustentável para o crescimento econômico e para a promoção do desenvolvimento. O empoderamento das mulheres abrange a integração delas e do empoderamento no decorrer do “desenho” do programa, sendo que o intuito não é apenas beneficiar as mulheres, mas contribuir para aperfeiçoar a sustentabilidade financeira e organizacional a longo prazo, assim como a sustentabilidade da economia em geral (MAYOUX, 2010).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o questionamento inicial deste trabalho em relação às percepções das mulheres tomadoras de microcrédito sobre suas vidas, assim como das pessoas as quais se relacionam na localidade foi possível permitir que elas expusessem sua trajetória e a partir disso entender o desenvolvimento delas e de seu entorno. A variável analisada nesta pesquisa foi o desenvolvimento local, mas a partir das entrevistas realizadas emergiram outras variáveis como as percepções delas no tocante à família, as dificuldades enfrentadas nas relações cotidianas do trabalho, bem como a igualdade de gênero e o empoderamento de mulheres.

Algumas das entrevistadas demonstraram conhecimento ou algum tipo de interesse sobre educação financeira; essa característica advém do fato da instituição incentivar e apoiar este quesito. Tal particularidade foi percebida quando elas relataram o incentivo da Credisol na realização de cursos e o apoio técnico fornecido pelo SEBRAE.

Se por um lado o microcrédito pode ser uma superação para o trabalho informal e para a independência financeira, por outro, vale lembrar que muitas vezes este trabalho acontece como uma extensão da própria casa. A maioria das entrevistadas relataram que abriram um negócio para terem a oportunidade de cuidar dos filhos e da casa. Ficou atribuída a elas essa função, e quando trabalhavam em outros empregos se sentiam mal por não poder acompanhar o crescimento dos filhos ou ter que deixá-los em creches. Outras relataram que na época em que os filhos eram pequenos também não havia disponibilidade de creches.

Mesmo com todos os esforços em possuir um nível de escolaridade maior e talvez ganhar espaços no mercado de trabalho, ainda há diferença salarial em relação aos homens e isso está longe de se equiparar. A maioria das mulheres abriram o negócio próprio na tentativa de galgar espaços que não possuem no mercado de trabalho e também pela necessidade de poder conciliar o espaço doméstico com o do trabalho. Grande parte dos negócios estão nos ramos de comércio e prestação de serviços, o que caracteriza o desejo de não separação dos dois espaços.

A partir disso pode-se afirmar que essa tomada de dinheiro pode ser uma alternativa de trabalho remunerado e ao mesmo tempo possibilitar a extensão do trabalho doméstico. Isso se deve ao fato de que há uma preocupação com a esfera familiar, tendo sido observado nas pesquisas encontradas que por vezes os filhos também participam deste trabalho. Por mais que o serviço promova autonomia, dentre outros, ele traz muitos encargos e sobrecargas. A independência nas relações

conjugais gera muitos conflitos; o fato do cônjuge se incomodar com a autonomia conseguida pela esposa pode ser um grande dificultador neste processo. Algumas entrevistadas relataram que se separaram; inclusive, uma delas ressaltou que o marido não queria ver sua ascensão profissional e que saiu do casamento sem recurso financeiro algum. Outra, foi lesada financeiramente pelo companheiro, perdeu alguns bens materiais e ficou com dívidas do ex marido.

Cabe ressaltar que o trabalho foi identificado como uma realização pessoal para elas, e que neste caso percebe-se que o conceito de trabalho está atrelado a dignidade. A realização pessoal para essas mulheres está diretamente ligada com o profissional.

Um ponto importante percebido na busca de pesquisas para a confecção desta dissertação é que a maioria dos trabalhos relacionados a gênero e microcrédito são escritos por mulheres, o que faz entender que a discussão e a preocupação ainda está centrada em mulheres. Criar essa discussão, problematizar o trabalho invisível e a separação do ambiente doméstico e de trabalho são algumas alternativas para o fortalecimento de pesquisas nesta área. Portanto, entende-se que o microcrédito é um pequeno passo diante de tanta desigualdade posta, mas que este serve de incentivo para muitas mulheres se unirem e se empoderarem. Muitos espaços ainda estão a ser galgados, tratando-se de uma longa jornada.

Uma das dificuldades apresentadas na realização das entrevistas foi o fato de as mulheres compreenderem que se tratava de uma pesquisa com fim acadêmico e não estava atrelada a instituição. Algumas delas preocuparam-se em elogiar a empresa, por isso foram sucumbidas partes das entrevistas em que se notou de certa forma lisonjeio a instituição. Uma outra limitação, diz respeito as entrevistas terem sido realizadas no próprio local de trabalho. Por vezes o raciocínio era interrompido pela chegada de clientes, telefonemas e atendimento a fornecedores. Uma das entrevistadas queria ficar trabalhando enquanto concedia a entrevista, porém pelas condições de barulho excessivo no local não foi possível.

A preocupação com o desenvolvimento local foi identificada na fala das entrevistadas, pois demonstraram que costumam comprar no bairro onde moram, em bairros ou cidades próximas. Elas compram de seus clientes para que o dinheiro circule na localidade. Apesar da pouca informação foi possível observar certa preocupação com a questão ambiental por parte das mulheres. Reciclagem e outras maneiras de redução de desperdícios foram mencionados como alternativas utilizadas por elas. Destaca-se que a ênfase nas relações familiares foi um dos resultados não esperados nessa pesquisa.

Outro fator percebido foi o senso de gratidão e colaboração nas entrevistas. Ao final de uma das entrevistas, referindo-se ao fato de ter disponibilizado seu tempo para a execução deste trabalho, a mulher mencionada como E11 nesta pesquisa afirmou: “[...] *a gente tem que tirar um tempinho para colaborar com outras pessoas*”. Assim, demonstrou que ao ser ajudada, também achava que deveria colaborar com outras pessoas.

Em pesquisas futuras sugere-se que sejam realizadas entrevistas com mulheres atendidas por outras instituições, e que também possa ser analisado o entendimento mundial deste tipo de pesquisa, comparando e observando o microcrédito. Uma outra possibilidade é a comparação desta modalidade de crédito em países desenvolvidos e subdesenvolvidos entendendo suas limitações, vantagens e desvantagens.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, V. C. C. da. S.; SALVARO, G.I. J.; ESTEVAM, D. de. O. Características Socioeconômicas do Acesso por Mulheres ao Microcrédito em uma Instituição de Crédito no Sul de Santa Catarina, no período de 2002-2012. In: IV SEMINÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS, 4, 2014, Criciúma. **Anais Eletrônicos...**Criciúma, SC: UNESC, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.unesc.net/seminariocsa/issue/view/80/showToc>>. Acesso em: 29. Maio. 2017.

ASSOCIAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES DE MICROCRÉDITO DE SANTA CATARINA- AMCRED. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.amcredsc.org.br/historico.asp>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

ASSOCIAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES DE MICROCRÉDITO DE SANTA CATARINA - AMCRED, Evolução do Microcrédito em SC. In: **MICROFINANÇAS: Empreendedorismo e Desenvolvimento Sul do Brasil**. Lages: Correio Lageano, 2017.

ARAÚJO, A. M. C.; LOMBARDI, M. R. Trabalho informal, gênero e raça no Brasil do início do século XXI. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 43, n. 149, p. 452-477, ago. 2013.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENTIDADES DE MICROFINANÇAS E MICROCRÉDITO. ABCRED. **Estátuto**.2012. Disponível em: <<http://www.abcred.org.br/Documento/Details/13>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

BANCO DA MULHER. **Portal do banco da mulher**. Disponível em: <<http://www.bancodamulher.org.br>>. Acesso em: 09 fev. 2018.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.

BARONE, F.M.; SADER, E. Acesso ao crédito no Brasil: evolução e perspectivas. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 6, p. 1249-1267, dez. 2008.

BARONE, F. M. et al. **Introdução ao microcrédito**. Brasília: Conselho da Comunidade Solidária, v. 14, 2002.

BRASIL. BANCO DO BRASIL. **Empréstimo com garantia de veículo**. Disponível em: <[http://www.bb.com.br/pbb/pagina-inicial/voce/produtos-e-servicos/emprestimo/dinheiro-para-usar-como-quiser/emprestimo-com-garantia-de-veiculo#/>. Acesso em: 06 fev. 2018.](http://www.bb.com.br/pbb/pagina-inicial/voce/produtos-e-servicos/emprestimo/dinheiro-para-usar-como-quiser/emprestimo-com-garantia-de-veiculo#/)

BRASIL. BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Série Cidadania Financeira: Estudos sobre educação, proteção e inclusão: Panorama do Microcrédito**. 2015. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/Nor/reincfin/SerieCidadania_1panorama_micro.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2018.

BRASIL. **Lei nº 11.110**, de 25 de abril de 2005. Institui o Programa Nacional de Microcrédito Produtivo Orientado – PNMPO. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/111110.htm>. Acesso em: 24 set. 2016.

BRASIL. **Lei nº 9.790**, de 23 de março de 1999. Dispõe sobre a qualificação de pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, como organizações da sociedade civil de interesse público, institui e disciplina o termo de parceria, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9790.htm>. Acesso em: 24 set. 2016.

BRASIL. **Lei nº 9.637**, de 15 de maio de 1998. Dispõe sobre a qualificação de entidades como organizações sociais, a criação do Programa Nacional de Publicização, a extinção dos órgãos e entidades que menciona e a absorção de suas atividades por organizações sociais, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9637.htm>. Acesso em: 19 jan. 2017.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Manual de entidades sociais do Ministério da Justiça**. 2014. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/central-de-conteudo/entidades-sociais/anexo/manual_entidades_sociais.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2017

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Programa Nacional do Microcrédito Produtivo Orientado - PNMPO**. Disponível em: <http://www3.mte.gov.br/pnmpo/pnmpo_apresentacao.asp>. Acesso em: 26 jan. 2017.

CARPES, A. M.; UTZIG, M. J. S.; CUNHA, P. R. da. Processo Decisório das Organizações De Sociedade de Interesse Público (OSCIPIs): Um Estudo em Entidades de Microcrédito com Sede Em Santa Catarina. In: SIMPÓSIO DE ADMINISTRAÇÃO DA PRODUÇÃO, LOGÍSTICA E OPERAÇÕES INTERNACIONAIS, XV. 2012, Barueri – SP. **Anais Eletrônicos...** São Paulo: FGV EASP, 2012. p. 1-16. Disponível em: <http://www.simpoi.fgvsp.br/index.cfm?FuseAction=arquivo.monta&I_D_EdicaoArquivo=2012&Pagina=busca_det&ID=289>. Acesso em: 16 set. 2016.

CARVALHO, G. C. Microcrédito e Empreendedorismo feminino em Recife: uma alternativa para a superação das desigualdades no mundo do trabalho. **Novos Rumos Sociológicos**, Pelotas, v. 1, n. 1, 2012.

CEZAR, I. **Microcrédito e empoderamento de mulheres de baixa renda**: uma análise do projeto “Elas”. 2016. 136 f. Dissertação (Mestrado em Administração Pública e Governo) - Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2016.

CHAVES, S. S. Diagnóstico e desafios do microcrédito no Brasil. **Desenbahia**, Salvador, n. 15, p.193-228, set. 2011.

COSTA, M. T. As pequenas e médias empresas no desenvolvimento local. IN: GUIMARÃES, N. A.; MARTIN, S. **Competitividade e desenvolvimento**: atores e instituições locais. São Paulo, Editora SENAC, 2001.

CREDISOL. **Quem Somos**. Disponível em: <<http://www.credisol.org.br/quem-somos>>. Acesso em: 16 ago. 2016.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa**: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. 296 p.

El progreso de las mujeres en el mundo 2015 - 2016. Transformar las economías para realizar los derechos. Resumen. **Estudios Feministas**, Florianópolis , v. 24, n. 2, p. 589- 615, ago. 2016.

FAURÉ, Y. A.; HASENCLEVER, L. **O desenvolvimento econômico local no Estado do Rio de Janeiro. Quatro estudos exploratórios**:

Campos, Itaguaí, Macaé e Nova Friburgo. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2003.

FAURÉ, Y. A.; HASENCLEVER, L. **Caleidoscópio do desenvolvimento local no Brasil: diversidade das abordagens e das experiências**. Editora E-papers, 2007.

FURTADO, C. **Pequena introdução ao desenvolvimento: enfoque interdisciplinar**. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.

GALLICHIO, E. Empoderamento, teorias de desenvolvimento e desenvolvimento local na América Latina. In: ROMANO, J; ANTUNES M. (orgs.) **Empoderamento e direitos no combate à pobreza**. Rio de Janeiro: ActionAid Brazil, 2002.

GASTALDON, M. C.; GUGLIELMI, T. A. O Microcrédito e emprego em tempos de crise: um estudo de caso. In: SEMINÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS, 2. 2010. Criciúma - SC. **Anais Eletrônicos...** Criciúma, SC: UNESC, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.unesc.net/seminariocsa/article/view/1414/1341>>. Acesso em: 29 Mai. 2017.

GERALDO, I. **O impacto do microcrédito na trajetória sócio-ocupacional das mulheres empreendedoras: a experiência da Blusol**, em 2004. 130 f. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR - GEM. **Empreendedorismo no Brasil**. Curitiba: IBQP/SEBRAE, 2017.

GONZALEZ, L; PIZA, C. T.; GARCIA, D. B. Sinergia entre Microseguro e Microcrédito e o Crescimento dos Mercados no Brasil. **Revista Brasileira de Risco e Seguro**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 5, p.45-84, mar. 2010.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**., São Paulo , v. 37, n. 132, dez. 2007 .

HUMBERT, A. L. Women as social entrepreneurs. 2012. 12 f. **Working Paper 72**, University of Birmingham, Birmingham, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E

ESTATÍSTICA. **Estatísticas de Empreendedorismo**. 2012. Disponível em:

<ftp://ftp.ibge.gov.br/Estatisticas_de_Empreendedorismo/2012/empreendedorismo2012.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2017

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E

ESTATÍSTICA. **Estimativas da População Residente no Brasil e Unidades da Federação com data de Referência em 1º de Julho de 2016**. 2016. Disponível em: <

ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2016/estimativa_dou_2016_20160913.pdf> Acesso em: 26 jan. 2018

JONATHAN, E. G. Mulheres empreendedoras: o desafio da escolha do empreendedorismo e o exercício do poder. **Psicologia Clínica**, v. 23, n. 1, p. 65-85, 2011.

KHANDKER, S. R. Microfinance and poverty: Evidence using panel data from Bangladesh. **The World Bank Economic Review**, v. 19, n. 2, p. 263-286, 2005.

LABRECQUE, M. F. Transversalização da perspectiva de gênero ou instrumentalização das mulheres?. **Revista Estudos Feministas**, v. 18, n. 3, 2010.

LAVINAS, L. Aumentando a competitividade das mulheres no mercado de trabalho. **Estudos Feministas**, v. 4, n. 1, p. 171, 1996.

LIMA, M. L. S.; CARVALHO, L. A.; VIDAL, M. B. Microfinanças e inclusão social: um estudo de caso. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 46, 2008, Rio Branco. **Anais...** Rio Branco: Sober, 2008. p. 1 - 20.

MACHADO, H. V. et al. O processo de criação de empresas por mulheres. **RAE-Revista de Administração de Empresas**. v.2, n. 2, p. 1-22, 2003.

MAYOUX, L. Tackling the down side: Social capital, women's empowerment and micro-finance in Cameroon. **Development and change**, v. 32, n. 3, p. 435-464, 2001.

MAYOUX, L. Reaching and empowering women: Towards a gender justice protocol for a diversified, inclusive, and sustainable financial sector. **Perspectives on Global Development and Technology**, v. 9, n. 3-4, p. 581-600, 2010.

MELO NETO SEGUNDO, J. J. de; MAGALHÃES, S. Bancos comunitários. 2009. **IPEA**. Disponível em: <<http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/4059> >. Acesso em: 24 set. 2016

MOREIRA, N. C. **Microcrédito e empoderamento de mulheres: o caso do Banco Popular Crédito Solidário**. 2016. 110 folhas. Tese (Doutorado em Administração Pública e Governo) FVG, São Paulo, 2016.

MOURA, S. A Gestão do Desenvolvimento Local: Estratégias e Possibilidades de Financiamento. **Organizações & Sociedade**, v. 5, n. 12, p.37-57, maio 1998.

NASCIMENTO, C. do. **O microcrédito e a geração de emprego e renda: A Experiência do Banco Pérola**. 2013. 141 f. Dissertação (Mestrado em Administração) Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2013.

ORHAN, M; SCOTT, D. Why women enter into entrepreneurship: an explanatory model. **Women in Management Review**, v. 16 n. 5, pp.232 – 247, 2001.

PARENTE, S. **Microfinanças: Saiba o que é um banco do povo**. Brasília: Agência de Educação para o Desenvolvimento (AED), 2002. 192 p.

PUTNAM, R. D. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna**. EditoraFGV, 2000.

RAMOS, R. da C. **Modelo alternativo de gestão: uma análise das vantagens e desvantagens das Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP'S) com base no caso do Centro Infanto-Juvenil da Zona Sul**.2012. 64 f. (Monografia Especialização em Gestão Pública – UAB). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

RANKIN, K. N. Governing development: neoliberalism, microcredit, and rational economic woman. **Economy and society**, v. 30, n. 1, p. 18-37, 2001.

RANKIN, K. N. Social capital, microfinance, and the politics of development. **Feministeconomics**, v. 8, n. 1, p. 1-24, 2002.

RODRIGUES, F. M. G. et al. O microcrédito como ferramenta de desenvolvimento socioeconômico para os empreendedores e seus pequenos empreendimentos: um estudo de caso sobre o Crediamigo em Petrolina-PE. **Gestão e Saúde**, v. 1, n. 1, p. pag. 1002-1026, 2015.

SANTA CATARINA. **Lei nº 16.474**, de 21 de outubro de 2014. Institui o Programa Microfinanças de Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.leisestaduais.com.br/sc/lei-ordinaria-n-16474-2014-santa-catarina-institui-o-programa-microfinancas-de-santa-catarina>>. Acesso em 30 jan. 2017.

SANTOS, C. A. Análise de impactos socioeconômicos do microcrédito: dificuldades metodológicas e analíticas. **Revistade Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 1, p. 147-160, Fev. 2007

SARDENBERG, C. Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista. In: I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres – Projeto TEMPO; 2006 jun 5-10; Salvador.

SARDENBERG, C. Family, Households and Women's Empowerment in Bahia, Brazil, Through the Generations: Continuities or Change?. **IDS Bulletin**, v. 41, n. 2, p. 88-96, 2010.

SEBRAE. **O que é Organização da Sociedade Civil de Interesse Público - OSCIP**. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/bis/oscip-organizacao-da-sociedade-civil-de-interesse-publico,554a15bfd0b17410VgnVCM1000003b74010aRCRD>>. Acesso em: 19 set. 2016.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, R. V. de M. **Disseminação de programas públicos de microcrédito: o caso da Região Metropolitana de São Paulo**. 2007. 185 f. Dissertação (Mestrado em Administração Pública e Governo) – Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2007.

SILVA, R.V.M; GÓIS, L.S. As Diferentes Metodologias de Microcrédito no Mundo e noBrasil. **CAP1_TecCred_63.indd**, v. 11, Serasa, 2007.Disponível em:
<<http://www.abscm.com.br/download/publicacoes/As%20diferentes%20metodologias%20de%20microcredito%20no%20mundo%20e%20no%20Brasil.pdf>>. Acesso em: 27 Jan. 2017

SORJ, B. Igualdade de gênero e políticas macroeconômicas. **Estudos Feministas**, Florianópolis , v. 24, n. 2, p. 617- 620, ago. 2016.

UNITED NATIONS. GENDER MAINSTREAMING: STRATEGY FOR PROMOTING GENDER EQUALITY. **Office Of The Special Advisor On Gender Issues And Advancement Of Women**, ago. 2001. Disponível em:
<<http://www.un.org/womenwatch/osagi/pdf/factsheet1.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2018.



YUNUS, M. **Criando um negócio social: Como iniciativas economicamente viáveis podem solucionar os grandes problemas da sociedade**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. 220 p.

YUNUS, M.; MOINGEON, B.; LEHMANN-ORTEGA, L. Building Social Business Models: Lessons from the Grameen Experience. **Long Range Planning**, v. 43, p.308-325, 2010.

WOMEN, U. N. **Progress of the World's Women 2015-2016**. Transforming Economies, Realizing Rights. New York: United Nations, 2015. 2016.

APENDICES



Apêndice A - Roteiro Gestores

	Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico - PPGDS	
---	--	---

Apresentação: Saudação. Meu nome é Maristela, sou mestranda do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico da UNESC. Estou realizando um estudo com mulheres que tomaram crédito da Credisol. Gostaria de informar que a sua participação é voluntária, e pedir autorização para gravar a entrevista.

- 1) Histórico Credisol.
- 2) De que maneira o estado de Santa Catarina se destaca no que diz respeito a instituições de Microcrédito?
- 3) De que maneira os gestores percebem que a iniciativa pública contribuiu para a instalação das OSCIPs de microcrédito em SC?
- 4) A Credisol preocupa-se em trazer a formalidade a estas pessoas que estão em situação informal?
- 5) Qual a relevância e o objetivo da qualificação como OSCIP da instituição?
- 6) O crédito emprestado é orientado?
- 7) De que maneira os recursos chegam até a empresa?

Apêndice B - Roteiro Tomadoras de Crédito

	Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico - PPGDS	
---	---	---

Apresentação: Saudação. Meu nome é Maristela, sou mestranda do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico da UNESC. Estou realizando um estudo com mulheres que tomaram crédito da Credisol. Gostaria de informar que a sua participação é voluntária, e pedir autorização para gravar a entrevista.

- 1) Nome?
- 2) Nível de Escolaridade?
- 3) Profissão?
- 4) Quantas pessoas moram em sua casa?
- 5) Quais as motivações/histórico que levaram a empreender?
- 6) Como chegou conheceu a Credisol?
- 7) Para que você utilizou o crédito tomado? (Finalidade)
- 8) De que forma tomar o crédito modificou às condições de trabalho e renda da sua família?
- 9) Você acha que transformou a sua realidade? Como?
- 10) Você se considera uma pessoa que influenciou outras?
- 11) De que forma você utilizou a renda gerada? (Buscar descrever formas de utilização da renda no giro do capital (dinheiro girar no bairro/comunidade) na localidade)
- 12) Você contrata serviços em seu bairro? Você tem preferência por contratar serviços em sua localidade?